

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

UNIDADE DE FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

ESCOLA COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL : O CASO DA
ESCOLA A LUTA CONTINUA

TESE APRESENTADA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM
SOCIOLOGIA

AUTORA : SANDIA ABDUL GAFUR ABUXAHAMA

U.E.M. - UFICS	
R. E.	4405
DATA	12 / 07 / 05
AQUISIÇÃO	genta
COTA	SOC-2

SUPERVISORA : Profª Doutora Vitória Afonso Langa de Jesus

Vitória Afonso Langa de Jesus

MAPUTO, JUNHO DE 2003

Dedicatória

Ao meu marido. Abdul Gafur, ao meu filho Ássif A. Gafur aos meus pais e irmãos e os demais amigos.

Agradecimentos

Agradeço a Professora Doutora Vitória de Jesus, por ter-me acompanhado com muita paciência e dedicação na elaboração do presente trabalho.

Quero também agradecer ao Dr. Abel Assis e os demais que de forma directa e indirecta prestaram-me apoio.

ÍNDICE

1. Introdução	pág. 1
2. Revisão Bibliográfica-----	pág. 9
3. Contexto Histórico-----	pág.22
4. Análise dos Resultados-----	pág. 36
5. Conclusão-----	pág.53
6. Bibliografia-----	pág.56
7. Anexos	

1. Introdução

A problemática das identidades sociais é um fenómeno que tem emergido dentro das ciências sociais como um reconhecimento das reivindicações sociais que amiude se levantam nas sociedades.

O conceito de identidade tem ganhado mais impacto/ principalmente com a emergência da corrente interaccionista simbólica, com Herbert Mead e logo pela fenomenologia, porque as duas correntes dão primazia aos fenómenos que são desenvolvidos pelos sujeitos nos seus processos interactivos e a interpretação do simbolismo que é emitido e que guia o modo de vida dos sujeitos e lhes categoriza como estes ou aqueles.

* Porém é importante reconhecer que esta imbricação não é em vão, pois a ciência que define o conceito de identidade é a psicologia/ na pessoa de Herkson, psicólogo social que reconheceu o individuo a partir das características do seu psiqui e concluiu que essas seriam as que orientam todo o accionar do sujeito. Daí que para se definir o sujeito sempre havia que perceber o sujeito. Desde a sociologia, que se procura a compreensão dos modos de actuação e os papéis que o sujeito assume na sua actividade quotidiana.

* Se a representação simbólica é parte da produção das identidades sociais, pois o meio onde o sujeito interactua, desenvolve as suas actividades, a história e o momento assim como o papel que o sujeito tem são elementos importantes neste processo que não é estático, transcorre toda a vida.

No presente trabalho, se tomou em conta as diversas reflexões que foram levantadas dentro da academia, nos referimos aos trabalhos desenvolvidos no CEA; o seminário realizado na UEM sobre identidades onde se debateram vários aspectos que comportam este arsenal teórico incluindo os aspectos sociais.

Em relação a interligação que existe entre o sistema educativo e o processo de identidade poucos tem sido os trabalhos que tratam esta temática, porém existem algumas reflexões feitas por alguns autores.

« Porém a relação identidade e o espaço escolar todavia não tem merecido uma atenção apesar de ser um dos elementos que processa de forma organizada e programada as identidades desejadas e as reflectidas! Daí apetência em escrever sobre as identidades sociais na escola pelo facto de em Moçambique não haver abordagens científicas sobre o tema em questão.

« O trabalho se direcciona a estudar os processos que produzem das identidades dos alunos a partir da sua interacção dentro do espaço escolar.

« A escola é um dos agentes que através dos seus intervenientes tem a capacidade de influenciar na produção das identidades sociais dos alunos. Sendo assim, é importante, que se invista mais no melhoramento interrelacional entre os diferentes intervenientes que dela fazem parte. /

O estudo das identidades sociais nas escolas é muito importante, porque ela é um dos agentes de socialização. É na escola onde os alunos aprendem a saber respeitar as normas, as regras, os valores, a aceitarem o diferente e o semelhante. Daí a importância de se prestar muita atenção, porque o aluno na escola é muito sensível as imagens que os professores, assim como os seus colegas lhe transmitem. A escola reflecte os valores que se espera que um individuo tenha, para a sua inserção na sociedade. Sendo assim, é importante que se tenha uma escola, que transmita valores identitários aos alunos com vista a ter-se no futuro, um actor social que saiba estar em sociedade.

A escola é uma das instituições socializadoras que contribui de forma significativa para a formação psico-social do aluno, por isso, é crucial que se tenha uma escola que esteja em condições de poder responder a esta demanda.

Com a presente investigação espera-se contribuir na demonstração de que a escola tem um papel muito importante na produção das identidades sociais, apesar de não estar de forma clara esta influência, mas ela existe no plano subjectivo de cada interveniente que dela faz parte.

Para a realização da presente pesquisa, pode-se trabalhar com a corrente do interaccionismo simbolico de Herbert Mead, porque é uma das correntes que contribuiu de forma significativa para o estudo das identidades sociais.

A ausência de investigações sobre a relação educação e identidades em Mocambique, foi o principal foi uma das maiores dificuldades bibliográficas que tivemos.

O presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta a introducao: breve apresentação do tema, a pergunta de partida; o problema; os objectivos gerais e os objectivos específicos; hipóteses, conceitos, metodologia e a unidade de análise. O segundo capítulo, apresenta uma sistematização do conhecimento teorico produzido pela sociologia acerca dos processos de produção das identidades sociais; No terceiro capítulo, apresenta-se algumas reflexões de como o processo de educação evoluiu desde período colonial até ao um período recente; o quarto capítulo, analisamos os resultados a que a investigação empirica conduziu-nos; em seguida, no quinto capítulo, apresentamos as conclusões e no sétimo capítulo tem a bibliografia e depois os anexos.

1.1.Pergunta de partida

Como é que os diferentes intervenientes na escola contribuem/de forma complementar e conflituante/para a produção da identidade social dos alunos.

1.2Problema

A escola é um local onde se processa a socialização, onde intervem diferentes actores, nomeadamente: professor, alunos, o currículo e o corpo administrativo. Atribuindo a escola o papel de espaço iminentemente interactivo entre os diferentes actores sociais que a compõem. Os actores interactuam influenciando-se mutuamente, visto que cada um,

possui a sua personalidade identitária o que proporciona uma mistura de valores, hábitos culturais e identidade./

✦ Sendo assim, pretendemos demonstrar que a escola é um espaço potencial que contribui para a produção da identidade social do aluno moçambicano desde as suas particularidades sociais. /

✦ A interacção desenvolvida pelos diferentes intervenientes que compõem a escola, tem a capacidade de produzir a identidade social dos alunos, a partir dos seguintes sujeitos:

- Alunos,
- Professores,
- estrutura física da escola,
- currículo,
- funcionários

1.3.Objectivo Geral

✦ Partindo da ideia de concessão de que a identidade não é fixa, mas sim constrói-se na relação que os diferentes actores sociais vão estabelecendo numa interacção que se desenvolve no quotidiano; O objectivo que orienta o presente trabalho se direcciona na fundamentação de que a escola é um espaço que contribui de forma significativa para a produção de identidades sociais do aluno./

1.4.Objectivos específicos

1. Demonstrar que é na escola onde o aluno interioriza a existencialidade de um mundo diferente do que conhecia. E que através da interiorização destas novas regras e normas, o aluno aprende a reelabora-las como maneira de poder sentir-se membro do grupo ou novo ambiente, o que lhe permitirá produzir uma identidade diferente da que trazia;
- ⇒ 2. Perceber como é que se processa a dinâmica da formação identitária no espaço escolar e através do espaço escolar, ou seja, como é que se negociam as

identidades singulares dentro do espaço escolar até a produção da identidade social do aluno.

1.5.Hipóteses

1. A partir da sua condição de espaço a escola propicia que as interacções entre os alunos, professores, funcionários acabem produzindo outro tipo de identidade social na formação do sujeito aluno.
2. A escola a partir do uso das legislações do sistema educacional e ensino – aprendizagem e a sua estrutura administrativa contribui para a produção da identidade social do aluno.

1.6.Conceitos

Identidade - processo histórico e biográfico de autoreconhecimento através do qual indivíduos, como sujeitos sociais e membros da colectividade, adquirem certa compreensão da sua singularidade a respeito de outros sujeitos e colectividades¹.

Para definir o conceito da identidade é sempre necessário relacionar o indivíduo com o seu meio, isto por causa da interrelação que se estabelece no seu contacto permanente com o meio no qual actua e vai assumindo diversos papéis que lhe são atribuídos dentro da estrutura social.

A produção social da identidade está sempre contextualizada por relações de poder, normas sociais, pelo poder político, social e o sistema de ensino.

¹ JESUS, Vitória A.J. Identidade da Mulher Moçambicana que exerce como Professora -Tese Apresentada para Obtenção do Grau de Doutoramento, Julho, Havana, 2002.P.9:

O sujeito adquire a identidade a partir da interiorização do que esta socialmente regulamentado, aceita em conformidade com a consciência de pertencer a uma colectividade, onde intervém como agente que avalia e selecciona alternativas através das quais o distingue na sua individualidade.

Interacção Social- designa a influência recíproca de atos de pessoas e grupos, o que geralmente se dá por meio da comunicação, que pode ser versal, gestual, simbolica e através de fenómenos sociais.²

1.7. Metodologia

A selecção do sector que analisamos deveu-se ao facto de que todos os dias observo que naquele estabelecimento de ensino os alunos entram de manhã com uma forma e quando saem parecem ter outra forma de actuar, isto é, são mais livres, mais autónomos, etc.

Os alunos inquiridos são todos da escola A Luta Contínua, situada na da Cidade de Maputo.

Dada a característica da investigação e orientação disciplinaria que guia o presente trabalho, usamos a metodologia qualitativa, pois permite-nos não só a recolha de dados de forma quantitativa, mas também permiti-nos fazer uma interpretação simbólica e a compreensão dos fenómenos que as acções levam na sua execução.

A metodologia qualitativa é a que nos pareceu que tinha primazia nas nossas buscas, pois a partir da sociologia a interpretação dos factos sociais é uma das questões fundamentais. Porém não nos limitamos apenas ao uso das técnicas desta metodologia, mas também se usaram tecnicas da metodologia quantitativa como suportes deste conhecimento, nos referimos ao uso do questionário, a estatística entre outros.

Para a produção dos dados da nossa pesquisa usamos três técnicas: a primeira consistiu na pesquisa bibliográfica; na segunda fase fez-se inqueritos e por último, que é a terceira fase da pesquisa, observamos os factos, o que nos foi de muita utilidade para a nossa

² Dicionário de Ciências Sociais, editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986, Rio de Janeiro. P.624.

investigação, porque permitiu-nos recolher dados que não tinham sido retratados pelos inquiridos. Permitiu também que durante algumas entrevistas os alunos pudessem falar de casos, que estavam omitidos, como por exemplo, o caso da violência física perpetrada pelos professores.

Na nossa investigação prevaleceu a utilização de métodos e técnicas qualitativas em correspondência com as características próprias do estudo.

Privilegiou-se o estudo qualitativo, porque não se preocupou com a representatividade mas sim em querer interpretar, compreender e analisar os fenómenos que constatarem durante o trabalho no campo.

A investigação qualitativa permite obter junto dos inquiridos as informações necessárias pertinentes e as outras que não estavam incluídas no questionário. Também permitiu que se fizessem conversas abertas, ou seja, que os inquiridos falem de assuntos, que á primeira para o entrevistador não pareciam pertinentes. Permitiu também que se acrescentasse mais questões encontradas no terreno, de total importância para a investigação.

Uma das técnicas que usamos na fase exploratória foi a entrevista especialistas que no caso foi ao Director da escola, os professores da escola, especialistas em currículo afectos ao INDE (Instituto de Desenvolvimento da Educação).

Com as respostas dos professores se realizou um relatório de estudo.

1.8.Unidade de Analise

A escola tem a seguinte composição do Corpo Administrativo:

1 Directora da Escola; 2 Directores Pedagógicos (EP1 e EP2);1 Chefe de Secretária;
3 Contínuos; 2 Guardas; 1 Dactilógrafa e 1 Secretária.

A escola A Luta Continua tem 1076 alunos, dos quais 55 % (595) são do sexo feminino e 45% (481) são do sexo masculino. E tem também tem 10 professores e 35 professoras.

As Idades dos inquiridos variam entre 11 anos de idade e os 16 anos de idade, visto que é a idade moda do EP1 e EP2.

A escola A Luta Continua é composta por 18 salas de aulas e 7 classes.

Os horários da escola são: O EP1 funciona em 3 Turnos : das 7 horas às 10:30 horas; das 10:30 horas á 13:55 horas; das 14 horas às 17:25 horas. O EP2 funciona em dois turnos que compreende das 7 horas às 12:05 horas ; e das 12:10 horas às 17:25 horas.

Quanto ao número de turmaa podemos apresentar da seguinte maneira : 1ª classe tem 5 turmas; a 2ª classe tem 6 turmas; a 3ª classe tem 6 turmas; a 4ª classe tem 7 turmas; a 5 classe com 7 turmas; a 6 classe com 6 turmas; e a 7 classe com 7 turmas.

As disciplinas leccionadas na escola são: Português, Matemática, Ciências Naturais, Biologia, Ofícios, Moral, Educação Física, História, Geografia.

Percentagem de alunos por classe:

- 1ª classe- Num total 158 alunos, 49 % (77)são do sexo feminino e 51 % (81).
- 2ª classe – Num total de 163: 47% (77) são menina, e 53% (86) são rapazes.
- 3ª classe Num total de 158: 53% são meninas (83) e os rapazes são 47 % (75).
- 4ª classe – Num total de199: 53% são meninas que corresponde a 105, os rapazes são 47% (94).
- 5ª classe – Num total de193: 53 %são meninas (102) e os rapazes são 47% (91).
- 6ª classe – Num total de 109: 50% são meninas (55) e os outros 50% são rapazes (54).

7ªclasse – Num total de177: 54% são meninas(96) e os restantes 46% (81) são rapazes.

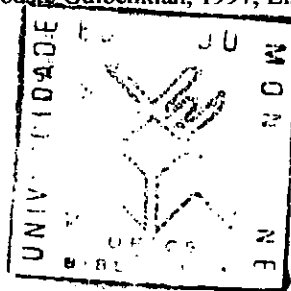
2. Revisão Bibliográfica

*Durkheim argumenta que a educação é o meio pelo qual a sociedade renova continuamente as condições da sua própria existência. A sociedade só pode viver se entre os seus membros existir suficiente homogeniedade. A educação perpetua e reforça tal homogeniedade começando por fixar no espírito da criança as semelhanças essenciais que a vida colectiva requer. É a educação que ensina as crianças as similitudes da vida que a vida colectiva exige. Está a cargo da educação a tarefa de socializar as novas gerações. A educação tem um papel muito importante que é o de permitir que a geração que está a ser educada viva de acordo com as normas e regras existentes numa sociedade. Visto que cada sociedade tem as suas normas e regras, por isso, os sistemas educativos não são uniformes, atendem as particularidades em que estão inseridos, tem em conta o contexto social vigente, isto é o que faz com que a educação tenha um papel integrador, unificador³. Estas afirmações Durkheimianas revelam a preocupação pelo papel da educação na construção de um sujeito único o que se pode inferir o papel da educação na produção das identidades sociais.

*Giddens⁴ argumenta que a educação escolar é um processo formal onde existe um currículo definido dos assuntos estudados. No entanto, as escolas são também agentes de socialização de modo muito mais subtil. Paralelamente ao currículo formal, existe o que alguns sociólogos chamam de currículo escondido ou oculto, o qual condiciona a aprendizagem das crianças, que é caracterizado pelas regras, que consistem em ensinar ao aluno que a sociedade é rígida por normas. Este autor acrescenta um outro fenómeno nesta grande tarefa que a escola como espaço de interacção condiciona aos alunos, a questão da transmissão de elementos não planificados, ou seja, de identidades a partir de um proceder, agir, simbolismo que estão integrados em todos os intervenientes no processo: o professor, o grupo de iguais, os de ensino-aprendizagem, os currículos, etc./

³ DURKHEIM, Émile, *Educação e Sociologia*, edições 70, Lisboa. P.101.

⁴ GIDDENS, Anthony, *Sociologia*, 2ª edição, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, Lisboa. P.101.



✕ A escola é regida por um sistema regrado, como afirma Pinto⁵ `` onde as relações sociais, as regras do jogo são diferentes, as margens de liberdade são diferentes e as possibilidades de cooperação também são diferentes, das que presidem no dia-a-dia``.

✕ Com isto podemos afirmar que na escola, existe um mundo diferente do de casa a que os alunos estão habituados, existe um horário por cumprir, tem que se cantar o Hino, manter silêncio dentro da sala de aula; o professor é quem concede as permissões para que os alunos possam falar. Não existe uma relação de afecto entre o professor e o aluno semelhante a que existe entre pais e filhos, as possibilidades de negociação são muito limitadas./

✕ O aluno não se torna num agente passivo, tem também a capacidade de desenvolver estratégias de modo que possa interagir de uma forma aceitável com o seu novo meio de socialização, que é a escola. Para secundar isto o raciocínio de Ferreira⁶ argumenta que o modelo de socialização, de Mead, se articula num processo de reconhecimento e pela partilha de significados, a identificação dos papéis e a aprendizagem das normas e das regras que regulam a interacção social, sem que, no entanto, o individuo se transforme num agente passivo da sua própria existência.* O meio modifica o sujeito, mas também, o sujeito tem a capacidade reflexiva e interpretativa de modificar o meio em que está inserido, de acordo com os interesses que persegue e alternativas de que dispõe./

Pinto⁷ citando King também diz que `` a escola existe porque existem pessoas que detendo determinados estatutos num sistema de interacção com determinada delimitação, desempenham papéis específicos, através dos quais a instituição e os seus membros prosseguem os correspondentes objectivos``.

✕ Na escola já estão estabelecidas as maneiras de agir, existem expectativas recíprocas, ou seja, tem se a expectativa de que o professor exerça a sua função de educador, que

⁵ Pinto, Maria Conceição, *Sociologia da escola*, ed. McGraw-Hill, Portugal, 1995. P. 147.

⁶ Ferreira, Carvalho et al, *Sociologia*, ed. McGraw-Hill, 1995, Portugal. P. 299.

⁷ Pinto, Maria Conceição, *Sociologia da escola*, ed. McGraw-Hill, Portugal, 1995. P. 147.

consiste na transmissão dos conhecimentos de forma clara e o aluno tem a tarefa de aprender e cumprir com as diferentes normas escolares, Musgrave⁸ argumenta que, "na escola o professor tenta estabelecer o encontro, ao impôr dentro da sala de aula, as suas perspectivas, frequentemente expressas numa série de regras locais quanto ao uso do espaço, do tempo e dos recursos e quanto as interacções permissíveis entre ele e os alunos e estes entre si. Os alunos devem pôr-se em fila antes de entrarem na sala, e fazê-lo de maneira disciplinada, de modo que, continue a haver ordem. Os atrasados têm de responder pela sua infracção á regra, embora o professor por seu lado, não precise de o fazer se for ele a atrasar-se.

* É na escola que o aluno continua o seu processo de interacção social, só que fá-lo de uma forma diferente, isto é, o aluno começa a consciencializar-se que deve interactuar com outros actores sociais, que á partida lhe são diferentes, mais que é preciso saber conviver com eles de modo a estar integrado dentro no novo meio que é a escola. Mead citado por Ferreira⁹ afirma que a relação dos individuos com o meio radica no processo de interacção social, ou seja, toda a interacção social que os individuos estabelecem tem haver com o meio em que estão inseridos./

* A escola é um espaço onde existem vários intervenientes sociais, cada um tem uma experiência única, isto é, uma vivência única e irrepetível, personalidade, valores singulares, subjectividade, portanto, possuem uma identidade singular, que os torna diferente do outro. É preciso termos em conta que o processo identitário é feito através do processo de inclusão e de exclusão, o que torna um individuo diferente do outro, mas que exhibe campos na identidade comuns com o outro, existe sempre a tendência de o sujeito querer demonstrar o que lhe torna diferente dos outros, exaltando todos os aspectos que ele acha que o tornam diferente do outro, mas também igual aos outros iguais a ele. O processo identitário faz-se sempre com alteridade.* Ngoenha¹⁰ define a identidade social

⁸ Musgrave, P. W., *Sociologia da educação*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª edição, 1979, Lisboa. P. 280.

⁹ Ferreira, Carvalho et al, *Sociologia*, ed. McGraw-Hill, 1995, Portugal. P. 299.

¹⁰ Ngoenha, Severino, *Por uma Dimensão Moçambicana da Consciência Histórica*, ed. Salesianas, 1992, Porto. P. 28.

como sendo o conjunto de características específicas de um ser, que fundamenta a sua personalidade e o torna irredutível a um outro./

1.º * O aluno por se encontrar dentro de um meio social vai sentir a necessidade de interagir com os demais que o cercam e como a escola é o tempo e espaço de interacção social, onde existem outros alunos, também vai acabar por ser influenciado por estes, que são parte do seu meio. O aluno ao se integrar no meio escolar, passa por uma modificação identitária de acordo com os seus valores, interesses e alternativas. Só que neste processo, o aluno não está isento de também sofrer influências! Pinto¹¹ demonstra que no interacçãoismo simbólico(Mead) o individuo é produto do seu meio. Por sua vez, este aluno por ser um sujeito que é influenciado pelo seu meio em que se encontra, mas ele também emitirá as suas influencias para os outros colegas num verdadeiro processo de interactividade./

2.1. Interacção aluno-aluno

* O aluno quando entra na escola, traz consigo a sua identidade pessoal, que devido a interacção que vai estabelecendo no seu dia-a-dia com o seu meio, acaba sendo atravessado por várias identidades. O aluno interage com outros colegas, como resultado das interacções que se vão estabelecendo acabam se complementando ou excluindo. Esta necessidade do aluno de agrupar-se, por conseguinte, interagir com os outros actores sociais, que ele os classifica como sendo da mesma pertença, tem aspectos identitários semelhantes, faz com que o aluno interactue com actores sociais que tem também as suas identidades diferentes. Como resultado, a identidade do aluno não será fixa, estará num processo de mudança, onde haverá elementos novos e velhos na sua identidade, ou seja, apenas haverá algumas identidades que permanecerão que são caracterizadas por traços identitários permanentes (sexo, raça,) e também haverá outros traços identitários novos que se acrescentarão. O aluno não muda totalmente, não deixa de ser totalmente quem era antes de entrar na escola, mas também, não continua sendo o mesmo, devido a influência dos novos actores sociais que o rodeiam. Por isso, o grupo de iguais tem uma grande influencia na produção das identidades sociais dos alunos./

¹¹ Pinto, Conceição, *Sociologia da escola*, ed. McGraw-Hill, 1995, Portugal. P. 107.

✓ Na escola o aluno tem como referência os seus colegas¹, porque é com eles que troca as experiências¹, seja na prática do desporto, na forma de intervir, caminhada para a casa, nos jogos, incluso na imitação da moda, etc, Pinto¹² ✕ afirma que no sistema de interacção escolar o aluno recebe não só as imagens que lhe são enviadas pelo professor, mas também as que lhe são transmitidas pelos colegas. Daí as interacções com os colegas terem um papel muito importante. /

Sendo assim, ao ✕ produzir a sua identidade social, o aluno vai incorporar o referente normativo: os valores, as normas, as regras, as influências dos colegas isto fará com que o aluno não tenha uma identidade fixa, mas sim sofra acréscimos na sua identidade¹, como afirma Serra¹³ a identidade é modo historizado e dinâmico de categorização simbólica usado por individuos e grupos nas suas trocas sociais. Ela não é um estado, mas um processo incessantemente alimentado e retroalimentado e modificado quando necessário no decorrer das relações sociais. Por isso, que a identidade tem a haver com o tempo e o espaço em que ela se constrói.

Mead citado por Ferreira¹⁴ diz que a medida que o individuo interioriza o outro, aprende a organizar a sua própria experiência, a experiência dos outros, a comunicar consigo próprio e com os outros, a interpretar o significado das diferentes linguagens e das diferentes situações. Esta preservação das suas margens de liberdade, pela interiorização do outro generalizado, remete para dois conceitos: de I e de Me afirma que o individuo identifica-se assimilando os valores e passa a ser parte desse colectivo imediante, a que ele pertencia. É no decorrer das interacções sociais, que os alunos estabelecem na escola, e vão fazer com que a identidade não seja fixa, estática. ✕ Como afirma Serra¹⁵ a identidade não preexiste a relação, mas sim constrói-se na relação. Isto remete-nos para o facto de que a identidade não é apenas um assunto individual, mas um produto social, localizado no espaço onde intervimos e com quem interagemos. /

¹² Pinto, Maria Conceição, *Sociologia da escola*, ed, McGraw-Hill, 1995, Portugal. P. 135.

¹³ Serra- *Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização*, Livraria Universitária, 1998, Maputo. P.10.

¹⁴ Ferreira, Carvalho et al, *Sociologia*, ed. McGraw-Hill, 1995, Portugal. P.299.

¹⁵ Serra, Carlos, *Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização*, Livraria Universitária, 1998, Maputo. P. 10.

ℳ Ligia Amâncio¹⁶ discute o conceito de identidade a partir dos grupos e afirma que numa relação intergrupos meramente conjuntural, os grupos constituem realidades concretas face às quais os indivíduos tem a possibilidade de definir modos de estar, cujo sentido é delimitado pelas fronteiras espaciais e temporais de um contexto intergrupal específico./

ℳ Numa relação intergrupos estrutural, os grupos constituem entidades subjectivamente construídas, que reúnem os seus membros sobre um determinado modo de ser pré-definido num universo simbólico-ideológico, onde se encontram os próprios elementos da construção de uma representação de si, enquanto pessoa e cujas modalidades elucidam á expressão do comportamento dos indivíduos em diferentes contextos. Por conseguinte o aluno ao produzir a sua identidade social dentro do meio escolar, vai procurar integrar-se num grupo que ele considere que vai de encontro com a sua maneira de ser, como demonstra Rodrigues¹⁷ citando Smith, Bruner e White empregam o termo *grupo de referência* para significar «...aqueles grupos em termos de cujos padrões o indivíduo se julga a si mesmo e com o qual ele se identifica ou sente afinidade».

ℳ Os indivíduos procuram concordância com as pessoas de quem gostam e discordância com as pessoas de quem não gostam./ É um meio de dizer: sou como eles. Veremos que grupos de referência podem também desempenhar um papel negativo no funcionamento de opiniões. Há grupos com os quais procuramos rejeitar afinidade ou identificação.

ℳ O aluno não terá tendência de procurar quem lhe é diferente, mas sim, quem vai ao encontro das suas expectativas e da sua maneira de ser, sendo assim, na formação de grupos de iguais os factores de proximidade e de semelhança são cruciais./

¹⁶ Vala, Jorge et al, *Psicologia Social*, 3ª edição, Cap. XI, Ligia Amâncio, *Identidade Social e Relações Intergrupais*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, Lisboa. P.307.

¹⁷ Rodrigues, Aroldo, *Psicologia Social*, ed. Vozes, 1988, Petrópolis. P. 278.

Rodrigues citando¹⁸ Sullivan indica que as pessoas validam suas atitudes por meio de concordância com os outros. Ele chama este fenómeno de *validação consensual*. Uma consequência nítida do facto de que outras pessoas se tornam significantes para nós, no desenvolvimento de nossa identidade é essa procura de concordância expressa na noção de validade consensual. É desta maneira que o aluno vai acabar excluindo quem é diferente dele. Por isso, os amigos, grupo e os colegas são muito importantes na produção da identidade social do aluno.

O professor mais importante para um aluno é o outro aluno. Os grupos funcionam como redes de referência para atitudes, actividades. Os grupos são muito importantes, porque só depois de um aluno estar integrado dentro de um grupo é que se pode sentir membro da comunidade em que ele está inserido, caso contrário, sentir-se-á excluído. Por isso, tem um papel indispensável na produção da identidade social do aluno no contexto escolar.

2.2. Interação aluno-professor

A escola não só transmite conhecimentos cognitivos de forma colectiva, também transmite valores morais. Este processo todo tem como canal de mediação professor de maneira formal. Cabe ao professor fazer chegar os objectivos da escola aos alunos, através do manual e da interacção que estabelece com os alunos.

A interacção do professor como aluno é muito importante. O professor influencia na produção da identidade do aluno de várias maneiras. O professor é um modelo para os alunos, porque é ele quem ensina os alunos a ler, ouvir, perguntar, consultar, registar e organizar as informações obtidas através de textos, imagens ou até mesmo da exposição do professor. Sendo assim, os alunos necessitam da ajuda do professor para pesquisar e organizar as informações que obtém. Cabe ao professor promover a aprendizagem desses procedimentos, através de situações nas quais os alunos tenham a oportunidade de

¹⁸ Rodrigues, Aroldo, *Psicologia Social*, ed. Vozes, 1988, Petrópolis. P. 278.

efectivamente actuarem como estudantes¹⁹. Estes elementos influenciam na produção da identidade social do aluno, visto que quando o aluno adquire todos os estes ensinamentos, vai começar a organizar a sua maneira de agir e de estar de maneira diferente. Um aluno depois de ler um livro ou um texto nunca é o mesmo, alguma coisa muda, começa a ter outro tipo de visões ou mesmo de inclinações.

Para secundar este raciocínio, Pinto²⁰ afirma que cabe ao professor a tarefa de educar os novos membros da sociedade, integrando-os e tornando-os conscientes das normas porque se deve reger a sua conduta e do valor transcendente da sociedade ou grupo social a que pertencem. Quanto aos alunos tem-se a expectativa que se comportem conforme a posição a que se encontram, ou seja, que se mantenham silêncio e prestem atenção no professor.

O aluno tem tendência a imitar ou a ter como referência aquele professor que ele classifica como sendo o melhor, apesar de esta selecção ser feita de forma subjectiva, onde podem intervir muitos critérios: o que melhor sabe transmitir a mensagem para os alunos; o que tem boa aparência que pode ser: vestem-se bem; é um homem inteligente. Sobre este fenómeno Martins²¹ afirma que os indivíduos sempre tem tendência a procurar uma identidade social positiva. Ou seja, quando um determinado grupo não vai ao encontro da satisfação dos seus interesses, ele o abandona.

2.3. Ensino-aprendizagem

O professor através do ensino-aprendizagem tem também a capacidade de influenciar na produção da identidade social do aluno. Para tal, pode-se servir dos métodos de avaliação de que dispõe. Musgrave²² argumenta que os professores, tem a capacidade de usar os livros e materiais, de acordo com o seu sistema de valores individuais, do que advirá ao currículo uma profunda carga de valores individuais que implicitamente ou

¹⁹ <http://www.tvebrasil.com.br/salto/hgc/hgetxt1.htm>. P.4.

²⁰ Pinto, Maria Conceição, *Sociologia da escola*, ed. McGraw-Hill, Portugal, 1995. P. 81.

²¹ Martins José, *Minorias étnicas e Identidade*, Orgs: Victor, Pereira e Castilho Susan, Pós-colonialismo e Identidade, ed. Universidade Fernando Pessoa, 1998, Porto. P. .

²² Musgrave, P. W., *Sociologia da educação*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª edição, 1979, Lisboa. P. 216.

explicitamente podem ser ou que, são incutidos aos alunos''. Pinto²³ também afirma que o processo de avaliação escolar tem influência na imagem que o aluno constrói, não só enquanto aluno, mas geralmente como pessoa. O aluno durante o processo de ensino-aprendizagem, é sempre rotulado com medidas quantitativas. Medidas estas que devido a constante interação com o aluno, vão acabar por influenciar na produção da identidade social do mesmo, ou seja, é em torno destas medidas que o aluno vai formar a sua identidade.

Outro elemento, é que se o professor estiver sempre a expressar quem são os melhores alunos, isto é, os que tem bom aproveitamento escolar, acabará por criar dois grupos de identidades entre os alunos dentro da mesma sala de aula. Os alunos com bom aproveitamento escolar terão sempre tendência de se agruparem entre eles e desta maneira acabarem por excluírem os outros, neste caso, os que tem um aproveitamento escolar baixo.

Segundo Pinto²⁴ a escola fornece medidas quantificadas que vão marcar as imagens sociais de cada aluno, numa etapa em que o aluno é extremamente vulnerável às imagens de si que são reenviadas pelos que o rodeiam, os resultados escolares podem funcionar como processo de etiquetagem, conformando assim determinadas identidades nos alunos.

2.4. Interação aluno-Currículo

Musgrave²⁵ diz que o currículo é profundamente influenciado pela estrutura da sociedade, pela ideologia dos detentores da autoridade e pelos que ensinam, e bem assim pelo estado actual das ciências e do comportamento normais. Por seu lado, o currículo²⁶ prescreve o comportamento pedagógico e social dos alunos e na medida em que os organizam, alcançam os seus objectivos, a realidade social por percepcionada será reproduzida nos

²³ Pinto, Maria Conceição, *Sociologia da escola*, ed, McGraw-Hill, Portugal, 1995. P. 138.

²⁴ Pinto, Maria Conceição, *Sociologia da escola*, ed, McGraw-Hill, Portugal, 1995. P. 135.

²⁵ Musgrave, P. W., *Sociologia da educação*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª edição, Lisboa, 1979. P. 236- 237.

²⁶ Currículo refiro-me aos programas das classes e os livros

jovens. Por existir currículos diferentes, em qualquer sociedade, poderia sugerir que a realidade está a ser construída de várias maneiras, com consequências diversas para os discentes''.

É no currículo onde vem expresso de forma explícita e implícita o comportamento que os alunos devem ter a partir dos conteúdos a serem leccionados pelos professores.

É no currículo onde vem os objectivos, onde estão programadas todas as actividades que devem decorrer durante o ano lectivo. É também no currículo onde estão inseridas as práticas pedagógicas a ter em conta durante o processo de ensino- aprendizagem.

Segundo Campos²⁷ a educação escolar deve intervir sistematicamente no processo dos valores dos alunos, nomeadamente valores morais para alguns, o objectivo não se confinaria apenas ao domínio cognitivo e afectivo, mas alargar-se-ia também ao comportamento. Isto ocorre através da organização escolar, dos planos, das matérias curriculares e de metodologias de ensino.

O autor distingue ainda três grupos de estratificação que promovem o desenvolvimento da identidade que na sua linguagem chama de humanismo no contexto escolar: as que incidem ao nível do currículo oculto, no sistema constituído nomeadamente pela estrutura organizacional da instituição escolar e do processo de ensino aprendizagem ou então ao nível do currículo explícito e neste caso, pela disseminação do objectivo do desenvolvimento pessoal e social nas disciplinas já existentes ou pela introdução de tempos educativos próprios para o efeito nos planos curriculares dos alunos, sejam animados directamente por docentes ou psicólogos, quando não pela colaboração dos dois²⁸.

Ele argumenta ainda que para o desenvolvimento da identidade é também necessário incentivar que a curiosidade não seja inibida, mais incentivada. E o autor cita Chikering que diz que ao nível do currículo oculto intervém os seguintes níveis : 1- tamanho da

²⁷ Campos, B. Paiva, *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social*, ed. Afrontamento, Porto, 1991. P.14.

²⁸ Campos, B. Paiva, *Educação e desenvolvimento pessoal e social*, ed. Afrontamento, Porto, 1991. P. 151.

instituição, 2- estrutura e organização das escolas; 3- clareza dos objectivos e consistência interna; 4- práticas pedagógicas;

A relação entre o tamanho da instituição o número de professores e os alunos influencia na produção da identidade social dos alunos, ou seja, quando a escola tem um número adequado de estudante e professores estes podem participar activamente, quer nas actividades curriculares, quer na gestão e organização da instituição, sendo que a participação activa é muito importante como forma de explorar e de investimento no desenvolvimento da identidade.

Quando a escola é muito grande, tem muitos alunos e poucos professores não tem capacidade de dar atenção a todos os alunos de forma equitativa. Por isso, pode aparecer casos de os alunos com capacidades marginais, não lhes sendo oferecidas oportunidades quer de exploração quer de experimentação; não dando oportunidade aqueles que estão a passar um período não produtivo, necessário ao desenvolvimento da identidade.

Quando as regras de comportamento consideradas apropriadas são formais e rígidas, não dando lugar á flexibilidade, contestação, avaliação e mudança, as regras são impostas pelo poder e tem de ser respeitadas, é prestada menos atenção ao aluno, desenvolvendo deste modo apatia e não investimento, consequentemente menor difusão da identidade; a pressão para a participação é inexistente e auto-avaliação do aluno é feita, mas não em função das suas capacidades para a realização duma tarefa, mas por comparação e competitividade com outros, o que leva muitas vezes á diminuição da estima de si próprio e á desistência na prossecução dos seus objectivos; as relações interpessoais são mais difíceis quer no sentido vertical (professor e aluno) quer no sentido horizontal (aluno para aluno).

Cada individuo torna-se anónimo, desconhecido, uma peça num sistema de produção com suas tarefas e responsabilidades definidas sem ter em conta o conjunto; a partilha que incentiva a exploração de ideias, objectivos e valores não tem espaço nem significação; o professor é responsável apenas pelo período de aulas que tem que

cumprir, não tem responsabilidade na promoção do desenvolvimento dos seus alunos, torna-se apático e desinteressa-se. Campos²⁹ diz que, as escolas superpovoadas de alunos e, por vezes, de professores, podemos verificar não só ausência de espaços comuns de cultura, de estudo, de lazer, de desporto, mas também exíguas instalações em que os próprios tempos lectivos são leccionados, bem como a falta de acolhimento, de conforto e de estética de espaços.

* Nestas condições parece ser difícil a motivação do aluno para permanecer, experimentar alternativas, investir, participar activamente e com responsabilidade, o que são elementos de fundo para a produção de identidades sociais dos alunos.

¶ Quando a intervenção do aluno na escola é frequente e acontece em diferentes situações apelando para uma variedade de papéis, a produção da identidade é promovida. A escola pode ser estimuladora para que o aluno tenha autonomia em relação aos pais, fornecendo o apoio não parental de que o jovem necessita de forma dependente. A acessibilidade e abertura ao contacto por parte dos professores, a sua autenticidade e conhecimento permitem o estudante experienciar novas relações de respeito mútuo, confrontar-se com diferentes estilos de vida, valores e papéis sociais. Deste modo, o aluno terá a possibilidade de clarificar os seus próprios valores, intervir com ideias sobre um estilo de vida satisfatório.

① ¶ Quanto mais aproximação houver entre professor e aluno melhor é o funcionamento do ensino. As aulas tornam-se mais apetecidas, existe mais vontade de querer permanecer na sala de aulas, porque há mais discussões entre os colegas e com o professor, isto ajuda a todos os que se encontram dentro da sala de aulas a se expressarem e conhecerem-se melhor e trocarem experiências. ② Também ajuda os alunos a desenvolver dentro de si o sentido de responsabilidade de querer produzir algo, para ser demonstrável em sala de aulas, como demonstra Campos³⁰ quando diz que na questão das práticas pedagógicas o

²⁹ Campos, B. Paiva, Educação e desenvolvimento pessoal e social, ed. Afrontamento, Porto, 1991. P. 155.

³⁰ Campos, B. Paiva, Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social, ed. Afrontamento, Porto, 1991. P. 159.

sentido de competência e autonomia e identidade são desenvolvidas ó nível curricular e a experiência.

A responsabilização e as diversas tarefas são desenvolvidas e valorizadas e as alternativas de áreas de estudo e de informação são múltiplas quando: ao nível curricular e experiência, a responsabilização e a diversas tarefas significativas são valorizadas e as alternativas de áreas de estudo e de fontes de informação são múltiplas, há mais condições de haver um maior investimento por parte do aluno. Ou seja, o aluno vê-se incentivado, a não ser apenas um receptáculo de tudo o que o professor diz, a contribuir na sala de aula.

¶O professor, não fica com uma actividade monótona de sempre ter que chegar e ser o único a transmitir conhecimento, fica também com o dever de promover debate e discussões sobre vários temas, o que também o permitirá conhecer os seus alunos, e observar quem são os que mais participam e os que menos participam para promover uma homogeniedade entre os alunos.

¶Os textos também tem o seu papel na produção da identidade social. Se nos manuais, por exemplo, a mulher aparecer retratada, sempre reduzida ao âmbito doméstico, as alunas produzirão a identidade social delas nesta perspectiva.

3. Contexto Histórico

3.1. Educação em Moçambique

No sistema educacional mocambicano, as suas filosofias não pautam fora destes reflexos teóricos que acabamos de plasmar, como base para orientar a nossa investigação.

A escola-instituição materializada dos propósitos deste sistema e nosso objecto de estudo, sempre esteve atravessado pelos elementos fundamentais que intervêm nos processos de produção de identidades sociais nos alunos.

Para a percepção dos actuais propósitos do espaço instituição socialização secundária-escola no seu processo de produção de identidades sociais nos alunos mocambicanos de hoje, se nos impõe fazer uma reflexão histórica do que a educação em Moçambique e seus propósitos até os nossos dias ou escola actual. Para de forma indirecta ir-se percebendo as identidades sociais que os alunos mocambicanos estiveram sujeitos.

Segundo Gómez³¹ na sua tese de doutoramento demonstra que a educação moçambicana esteve sempre contextualizada com o tempo histórico e a situação social que caracterizava período.

α α x x
X No período colonial o sistema educacional estava encarregue as missões catolicas. O objectivo deste ensino no presente período era o de civilizar o africano, procurando inculcar nos africanos a política de assimilação, como maneira de civilizá-lo. A educação tinha como objectivo o de fazer do africano um verdadeiro trabalhador. Um trabalhador na concepção do colono, significava que o africano devia desenvolver habilidades para uma profissão manual e aproveitar o seu trabalho na exploração da província. Porque o trabalho forçado e o trabalho migratório exigiam que os trabalhadores tivessem um mínimo de escolarização.

³¹ GÓMEZ, Miguel Buendia, Educação Moçambicana: História de um processo 1962-1984, Livraria Universitária, Maputo, 1999. PP.269-367.



Os conteúdos transmitidos pela educação estavam muito virados para as questões históricas, culturais, sociais e religiosas portuguesas. O ensino não tinha como função, fazer com que os africanos tivessem orgulho de si mesmos, mas antes pelo contrário, era o de rejeitarem a sua raça, origem, identidade e tornassem asimilados e, logo submissos aos europeus. Era uma educação que tinha em vista explorar, humilhar, provocar confusão mental e desenvolver identidades sociais primadas pela subordinação e a elevação de identidades do outro diferente – o branco – o colono.

A educação no processo da luta de libertação Nacional (1964-1974), a Frelimo entendia a educação como meio canal que podia provocar grandes mudanças ou transformações políticas, sociais e culturais identitárias. Neste período, o objectivo da educação era o de as pessoas aprenderem a transformar as suas vidas, que estava bastante marcada pela opressão colonial, numa vida de liberdade.

A educação tem a capacidade de modelar os seus agentes, vejamos, que apesar de os cidadãos moçambicanos terem origens diferentes, aprenderam a conviver unidos e a criar juntos uma nova realidade. Nesta época a educação estava virada para as questões da luta armada, por isso, tinha uma componente nacionalista, que era a de despertar nos moçambicanos a ânsia pela liberdade. Foram criadas escolas, de acordo com as exigências do povo e que respondiam as necessidades daquele momento histórico.

A educação moçambicana no período de 1974 – 1976, tinha como objectivo criar o homem novo, que fosse responsável pela produção da sua história, assentava-se na corrente marxista que vigorava nesse período. Nesta época o currículo escolar deveria traduzir as ideias e os discursos que dominavam, ou seja, a ideologia que caracterizava a sociedade moçambicana. Por isso, era necessário eliminar todos os vestígios do colonialismo. As disciplinas de história e de geografia são as que transformações profundas sofreram, porque elas estavam muito direccionadas a Portugal. Portanto, elas foram contextualizadas ao caso moçambicano. Enquanto que as restantes disciplinas, sofreram transformações de menores. O outro objectivo era o de formar professores,

porque muitos dos professores eram de nacionalidade portuguesa, depois da independência muitos professores abandonaram o país.

É de realçar que apesar de terem havido mudanças no currículo escolar, algumas características da educação colonial ainda se faziam sentir, como é o caso da relação professor – aluno, que ainda está assente no modelo colonial, que era o de o professor exercer muita autoridade sobre o aluno. Autoridade que consistia em o professor bater, castigar severamente o aluno, criando deste modo, uma identidade que se adequava mais as bases filosóficas.

O ensino tinha como mensagem, transmitir aos alunos que eles são os fazedores da sua própria história, portanto, actores da sua própria formação identitária.

O SNE (Sistema Nacional de Educação) teve como característica fundamental a tecnocratização, que consistia que se reconhece-se que a educação e a sociedade deve funcionar de forma complementar, visto que as duas se influenciam. É assim, que é atribuído a educação um papel fundamental na produção da consciência social, que era um instrumento importante de luta de classe.

A educação era caracterizada por muitos elementos socialistas – leninistas. Atribuiu-se muita importância ao aluno como maneira de garantir que houvesse qualidade de ensino, ou seja, o papel de sujeito no processo de ensino aprendizagem. O professor tinha a obrigação de conhecer a personalidade e a proveniência do aluno. Mas isto não foi observado pelos professores e teve como consequência a má qualidade do ensino, grande distância entre professor e aluno e acima de tudo muito autoritarismo.

Em 1983, a lei do SNE esteve condicionada pelo PPI, que já determinava que tipo de conteúdos é que se devia transmitir aos alunos: a quantidade de força de trabalho precisa para essa década, impôr na população camponesa uma visão urbano-industrial, socialização do campo, formar um homem novo livre de superstição e de mentalidade burguesa e colonial, homem que assume valores socialistas.

Anos após a independência, havia no país professores com qualificações muito baixas, a maioria só tinha 4ª classe. Este é um elemento que prevalece ainda nos dias de hoje no ensino moçambicano, o que tem provocado grandes desajustes entre a qualidade de ensino e os objectivos preconizados pelo Ministério da Educação. Portanto, depois do que acima foi exposto podemos depreender que a educação em Moçambique na era colónia esteve sempre a serviço de interesses de outros e não dos moçambicanos propriamente ditos. Fenómeno que se reflecte neste período em análise.

É preciso que se desenhe uma educação que tem como objectivo directo os moçambicanos, ou seja que esteja ao serviço dos próprios moçambicanos. Para que tal aconteça é necessário que sejam os próprios moçambicanos a desenhar os objectivos reais e contextualizados com a realidade moçambicana. Só assim, é que poderemos, ter uma escola contextualizada com a realidade moçambicana, uma escola que tenha um papel muito importante na formação das identidades sociais. Porque é através da educação que se transmitem os valores sociais, e que se socializa as crianças.

É imperativo que a educação tenha como seu alvo as massas. Durkheim, argumenta que é necessário que a educação assegure entre os cidadãos uma comunhão de ideias e de sentimentos sem os quais qualquer sociedade é impossível, é importante que a educação não esteja trabalhar para particulares mas sim para as massas³².

Em Moçambique a educação é concebida como um instrumento fundamental para o crescimento económico e desenvolvimento social e visa promover o bem-estar dos cidadãos³³.

3.2. Ensino Primário

O Ensino Primário joga um papel importante no processo de socialização das crianças, na transmissão de conhecimentos fundamentais como a leitura, a escrita e o cálculo e de

³² DURKHEIM, Émile, Educação e Sociologia, edições 70, Lisboa. P.60.

³³ Plano Curricular do Ensino Básico, ed. INDE/MINED, Maputo, 1999. P.17.

experiências comumente aceites pela nossa sociedade. Assim, torna-se importante que o currículo responda às reais necessidades da sociedade moçambicana, tendo como principal objectivo formar um cidadão capaz de se integrar na vida e aplicar os conhecimentos adquiridos em benefício próprio e da sua comunidade³⁴.

A escola primária tem um papel muito importante na formação dos alunos, visto que é, o primeiro ciclo de ensino, que eles se confrontam com um educador diferente, neste caso o professor, a quem eles devem obediência e respeito. Os alunos apercebem-se que para além dos seus pais, existe o professor, tem também os seus colegas a quem devem respeito e partilha de espaços comuns. E os alunos que ingressam neste ciclo, estão cheios de curiosidade sobre o que é uma escola, tudo para eles é um mistério, daí a importância da escola primária.

É na escola primária, onde os alunos aprendem a gerir a encarar mundos totalmente diferentes, que são transmitidos pelos livros, pelos professores e colegas.

No ensino primário, o aluno aprende a dividir o mundo em algumas das ciências, e também é a fase em que ele tem uma grande apetência de saber.

3.3.Sistema Nacional de Educação

Em 1983, Moçambique introduziu o Sistema Nacional de Educação (SNE) através da lei 4/83, de 23 de Março e revista lei 6/92, de 6 de Maio.

A introdução do SNE foi gradual (uma classe por ano), tendo-se iniciado com a 1ª classe em 1983.

Consta no Relatório de Desenvolvimento Humano³⁵ que em 1983 a idade legal de admissão á 1 classe foi fixada em sete anos, embora a lei permitisse á inscrição de crianças com seis anos, desde que tivessem frequentado creches ou jardins de infância. Mais com a revisão da lei do SNE em 1992, ficou antecipada a idade de ingresso 1ª classe para seis anos.

³⁴ Plano Curricular do Ensino Básico, ed. INDE/MINED, Maputo, 1999. P.17.

³⁵ Relatório de Desenvolvimento Humano, 2000. P.47.

O novo currículo do ensino básico, desenhado no contexto das reformas preconizadas pela nova visão estratégica do governo, propõe uma nova escola primária completa de sete classes mais articulada e integrada do ponto de vista de conteúdo; propõe ainda, uma alteração profunda de uma prática pedagógica centrada no professor para uma aprendizagem mais activa e que tome como sujeito do processo o próprio aluno. Para completar estas medidas no âmbito do novo currículo, propõe-se uma aprendizagem organizada em ciclos acompanhada de novas práticas pedagógicas e de avaliação dos alunos³⁶.

O currículo do ensino básico tem sete classes organizadas em dois graus. O 1º grau (EP1) compreende cinco classes (da 1ª à 5ª classe) e o 2º (EP2) duas classes à 6ª e 7ª classes.

O currículo da educação básica está estruturado em três ciclos: o 1º ciclo corresponde à 1ª a 2ª classes; o 2º ciclo, a 3ª, 4ª, e 5ª classes e o 3º ciclo, a 6ª e 7ª classes. Cada um desses ciclos constitui uma unidade ou ciclo de aprendizagem, tendo assim definidos os seus respectivos objectivos finais. Esses objectivos indicam o nível de desempenho que se espera do aluno em termos de saberes, capacidades, habilidades e aptidões³⁷.

No EP1, só um professor lecciona todas as disciplinas curriculares enquanto que no EP2, cada disciplina é leccionada por um único professor e as disciplinas são independentes³⁸.

3.4.Objectivos do Ensino Básico

À luz dos Objectivos Gerais do SNE, os objectivos do Ensino Básico traduzem-se em :

- a) proporcionar à criança um desenvolvimento integral e harmonioso;
- b) capacitar a criança, o jovem e o adulto com o conjunto de padrões de conduta, que o tornarão um membro activo e exemplar na sua comunidade e um cidadão responsável na sociedade;

³⁶ Relatório de Desenvolvimento Humano, 2000 .P.44

³⁷ Relatório de Desenvolvimento Humano. P.50.

³⁸ Plano Curricular do Ensino Básico, ed. INDE/MINED, Maputo, 1999. P.17.

- c) capacitar a criança, o jovem e o adulto para desenvolver valores e atitudes positivas para a sociedade em que vive;
- d) dar á criança, ao jovem e ao adulto a oportunidade de apreciar a sua cultura, incluindo a língua, tradições e padrões de comportamento;
- e) encorajar a criança, o jovem e o adulto para observar, reflectir e desenvolver um sentido de crescente autonomia e auto-estima.

Em sociologia, o indivíduo é produto do meio em que se encontra, mais precisamente pela história e pela situação social em que se encontra.

A escola por ser um meio em que o aluno passa uma parte do seu tempo, tem a capacidade de influenciar de uma forma significativa na sua personalidade. Cabe a escola a tarefa de responder de forma positiva e criar meios para que dentro dela, saíam alunos que estejam dentro das normas da sociedade, mais concretamente que tenha uma conduta aceitável dentro do meio em que está inserido.

A tarefa da escola é a de formar indivíduos que futuramente sirvam as suas sociedades . Para que isso aconteça, a escola não pode funcionar de uma forma isolada, mas sim, tem que procurar adequar os objectivos das duas partes envolvidas. Portanto, deve existir um diálogo permanente entre as duas partes envolvidas. A escola não pode ter leis que não estão de encontro da sociedade e nem a sociedade não pode ter normas contrárias as da escola, caso isso aconteça, corre-se o risco de ter como resultado, indivíduos fora das regras e normas vigentes.

No exercício do processo do ensino aprendizagem, a tarefa principal é de formar alunos com capacidades de responder ás demais situações que lhe forem apresentadas. Cabe ao professor a tarefa de incutir aos alunos quais são as ideias, os sentimentos que é preciso que eles tenham para estarem em harmonia com o meio pelo qual estão inseridos³⁹

³⁹ DURKHEIM, Émile, Educação e Sociologia, edições 70, Lisboa. P.60.

A escola A Luta. Continua esta a ser uma das escolas piloto para a testagem do novo currículo.

O novo currículo já prevê as questões das identidades a partir do desenvolvimento pessoal do aluno, através dos seus objectivos:

- a) conhecer a sua pessoa como um todo íntegro, valorizando as particularidades dos seus semelhantes;
- b) actuar em função dos princípios e convicções morais, que o ajudem a julgar o seu comportamento e entender os outros;
- c) reconhecer a diversidade cultural do país, manifestando atitudes de tolerância, aceitação e solidariedade em relação aos membros de grupos distintos do seu.

As escolas moçambicanas funcionam como instrumento educativo sob a responsabilidade do Ministério da Educação.

Segundo análises feitas pelo ministério da educação⁴⁰, a educação tem o professor como a chave indispensável para a transmissão dos conhecimentos, daí advém a extrema importância do mesmo. Sendo assim, é importante que se aposte muito na postura do professor, porque é através dele que os futuros quadros da nação vão adquirir conhecimentos.

Contextualizando com o tema de defesa, como já foi aqui dito no presente trabalho, o professor desempenha um papel muito importante na produção da identidade social do aluno. O Ministério da Educação traçou um perfil para o mesmo com vista a poder melhorar o desempenho e a prestação do professor dentro da sala de aula.

Segundo o Ministério da Educação⁴¹, as relações entre as pessoas são influenciadas pelas condições sócio-económicas em que vivem.

⁴⁰ Contacto nº9, Maio, Junho, Julho, Agosto, Metodologia do ensino da história, "As relações entre os professores e os alunos", ed. Ministério da Educação, Maputo, 1995. P. 7-11.

⁴¹ Contacto nº9, Maio, Junho, Julho, Agosto, Metodologia do ensino da história, "As relações entre os professores e os alunos", ed. Ministério da Educação, Maputo, 1995. P. 7-11.

O período pós-independência foi marcado por transformações radicais na política educacional. Esta é a base para podermos entender as relações entre o professor e o aluno.

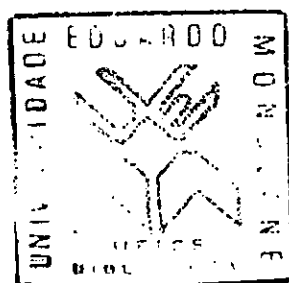
O professor como elemento condutor do processo docente-educativo, tem um papel fundamental na formação e educação do aluno, pois tem a tarefa de orientar e desenvolver todas as suas capacidades, para que ele forme integralmente.

Alguns professores moçambicanos só conhecem o autoritarismo como a única maneira de catalisar a atenção do aluno. Principalmente quando o professor se vê em apuros. Ele aplica castigos físicos, expulsa da sala de aula, marca faltas disciplinares, pune de maneira arbitrária. E como consequência, por um lado, o aluno por temer o professor, fica mais quieto, mais inibido, parecendo mais bem comportado, por outro deixa de responder às necessidades de participação, elimina-se a boa relação, diminui a motivação, surge a passividade e a indisciplina. Logo, por termos um aluno passivo, que no futuro, tornar-se-á num homem passivo. Dificultando desta maneira no desenvolvimento do país, porque o país precisa de criadores, capazes de transformar a realidade, vencer as dificuldades⁴².

O professor é muito importante na formação do gosto dos alunos pelos diferentes assuntos, por exemplo : muitos gostam de uma certa disciplina, devido à literatura ou porque tiveram um professor que despertou o interesse para esse campo, ou porque era um professor que os alunos admiravam muito e era simpático.

O professor deve ter sempre presente que é um modelo para o aluno, que as suas atitudes, a sua maneira de ser influenciam fortemente a personalidade em formação dos seus alunos. O professor é um modelo que o aluno imita: se é passivo, indisciplinado, desinteressado, leva os alunos a sê-lo também. O professor tem que ter boa apresentação na maneira de vestir e de falar.

⁴² Contacto nº9, Maio, Junho, Julho, Agosto, Metodologia do ensino da história, " As relações entre os professores e os alunos", ed. Ministério da Educação, Maputo, 1995. P. 7.



A tarefa do professor é de orientar, caminhar as tendências do aluno para as maneira de conduta socialmente aceites⁴³. A grande preocupação deve ser a de ensinar os jovens a serem livres e responsáveis. Deve-se ensinar a criança a ser responsável, livre, autónoma, crítica e criadora. O professor atento não considera bem comportado o aluno submisso, mais verifica-se com frequência a atribuição de nota mais alta de comportamento á alunos sem vontade ou mesmo portadores de carências metabólicas⁴⁴.

Um professor pessimista que considera a humanidade má e corrompida, procurará incutir nos seus alunos a contenção, a mortificação, a dependência e a submissão⁴⁵.

O professor frustrado, impotente, cruel poderá utilizar a oportunidade de julgamento para inconscientemente se vingar, projectando deste modo os seus próprios conflitos.

O professor não deve ter ideias pré-concebidas logo no primeiro dia, sobre quem vai se aprovar ou reprovar de classe. Porque é desta maneira que alguns professores têm considerados alguns fracassos em disciplinas nas quais os alunos se revelam verdadeiramente talentosos.

O professor não deve fazer avaliação de modo que se reprove muito, para que seja respeitado. A avaliação tem que existir para ajudar o professor e o aluno a analisar o seu desempenho e aperfeiçoá-lo cada vez mais⁴⁶.

⁴³ Contacto nº15, Abril, Junho, Avaliação : crianças o futuro de Moçambique, `` Para uma reflexão sobre o comportamento do aluno'', ed. Ministério da Educação, Maputo, 2000. P.54.

⁴⁴ Contacto nº15, Abril, Junho, Avaliação : crianças o futuro de Moçambique, `` Para uma reflexão sobre o comportamento do aluno'', ed. Ministério da Educação, Maputo, 2000. P.55.

⁴⁵ Contacto nº15, Abril, Junho, Avaliação : crianças o futuro de Moçambique, `` Para uma reflexão sobre o comportamento do aluno'', ed. Ministério da Educação, Maputo, 2000. P.56.

⁴⁶ Contacto nº15, Abril, Junho, Avaliação : crianças o futuro de Moçambique, `` Para uma reflexão sobre o comportamento do aluno'', ed. Ministério da Educação, Maputo, 2000. P.58.

O professor está em constante processo de interacção com o aluno por isso, ele serve como referência . É muito importante ter atenção às imagens que o professor passa para o aluno. Daí o porquê da educação prestar muita importância na relação professor e aluno, e que esta não deve ser feita de forma vertical, mas sim horizontal, ou seja, não deve existir um distanciamento entre os dois intervenientes de maneira que interfira de maneira negativa no ensino- aprendizagem.

O sistema de educação esta mais preocupado em querer desenvolver e capacitar um aluno para o desenvolvimento da sua comunidade, mais em questões científicas, não esta a prestar a devida atenção às questões sociais, como por exemplo para a questão das identidades. Existe uma lacuna muito grande na questão da produção das identidades sociais. Como é sabido para a produção das identidades sociais é preciso que haja espaço e tempo para que os alunos interajam constantemente, troquem as suas histórias de vidas e suas experiências deve também haver espaço para a realização de actividade extra-curriculares.

O currículo não esta contextualizado de acordo com as necessidades específicas do individuo ou das suas comunidades. Como afirma Golias⁴⁷, na educação existe muita penúria de recursos: nas escolas não tem carteiras,os livros são escassos de textos e outro material escolar, os professores tem baixa qualidade de ensino, os salários são baixos. Desta forma é difícil termos, uma aluno que o desenvolve o conhecimento e o apreço pelos valores identitários, históricos e culturais de Moçambique.

Na escola o único tempo que os alunos tem para poderem se conhecer melhor, isto é, trocar as suas experiências sobre assuntos vários é o tempo do recreio, que não passa de trinta minutos. E a única actividade extra-curricular que o Ministério da Educação tem desenvolvido diz respeito apenas ao desporto e deixando de parte outro tipo de actividades que também poderiam propiciar a produção da identidade social nos alunos.É imperioso que se procurem desenvolver outro tipo de actividades para que os alunos

^{47 47} Golias, Manuel, *Sistemas de Ensino em Moçambique*, editora escolar, Maputo, 1993. PP.269-367.

possam interactuar mais, isto é, trocarem mais impressões e histórias de vida e muito mais assuntos.

Quanto a constituição de uma sala de aulas, ela não favorece a interrelação constante entre o professor e o aluno, isto devido ao grande número de alunos que se encontra dentro de uma sala de aula. O que advirá mais tarde em o professor não dar a devida atenção aos alunos de igual maneira, correndo o risco, de deixar alguns de fora da sua atenção, o que é mau para o processo de ensino aprendizagem.

Como é sabido numa sala de aulas existem sempre os que tem fraco aproveitamento escolar, precisam de mais atenção do professor. E não só, por o tempo de uma aula ser relativamente curto em relação ao número de alunos e também por não existir outro tempo, em que o professor possa estar disponível fora do tempo determinado, estes alunos acabam estando mesmo á margem do processo de ensino á aprendizagem.

Uma vez que o tempo que o professor dispõe dentro da sala de aulas, ás vezes chega somente para dar aulas e não permitir que haja muita interacção entre os que as personagens que compõem a sala de aulas. Segundo Golias⁴⁸, os sistemas de avaliação e de exames são bastante deficientes, os programas são muito pesados, o conhecimento esta excessivamente compartimentado em disciplinas, as aulas são muito curtas, o atendimento aos alunos não respeita as suas individualidades no processo de ensino aprendizagem.

Segundo Golias⁴⁹, afirma que o período que vai de 1985 á 1992, a rede escolar e a cobertura escolar era muito insuficiente em contínua degradação. Devido á falta de professores a qualidade de ensino era muito baixa. A relação professor e aluno era bastante elevada, as classes já não estavam muito cheias de alunos, comparando com os anos anteriores. Mas as turmas não deixaram de estar cheias, o que dificultava muito o trabalho do professor.

⁴⁸ Golias, Manuel, *Sistemas de Ensino em Moçambique*, editora escolar, Maputo, 1993. PP.269-367.

⁴⁹ Golias, Manuel, *Sistemas de Ensino em Moçambique*, editora escolar, Maputo, 1993. PP.269-367.

Não existe debate dentro da sala de aulas, tornando os alunos desta maneira como receptores, ficam sem espírito crítico, o que não ajuda na produção da identidade social dos alunos. Visto que o aluno, para produzir a sua identidade é preciso que tenha alternativas e espírito crítico.

Ngoenha discute o papel da educação em Moçambique, constata que as políticas educacionais tem que ter em conta os valores a serem transmitidos aos seus cidadãos. E afirma ainda que em termos de currículo, de concepção de programas e de adequação de programas, está pior que no tempo colonial. As crianças moçambicanas em comparação com as outras do mundo, são as que passam menos tempo nas escolas. Nas escolas não existem actividades extra-curriculares, devido a escasses de professores e a grande debilidade das infra-estruturas.

As relações entre o professor e o aluno são meramente académicas, isto é, não existe outro tipo de aproximação mais informal. O professor não está preocupado em querer conversar com aluno, saber quem ele é, de que família provém, quais são as suas apirações, ansiedades e em que gostaria de formar-se, portanto, existe um grande distanciamento das duas partes. Há casos de professores que fazem questão de manter esta grande distância, como forma de impôr respeito e não dar confiança aos seus alunos.

Nos objectivos do SNE, existe também um vazio, quanto a própria interrelação dos alunos dentro da sala de aulas, isto é, pouco se faz para que os alunos se conheçam e discutam as suas ideias. Nao se incentiva muito os trabalhos de grupo entre os alunos. Enquanto que os grupos desempenham um papel crucial no desenvolvimento da personalidade e da produção da identidade social dos individuos. E não só, os trabalhos em grupo ajudam a desenvolver no individuo a capacidade de saber ouvir ou outro e respeitar as ideias contrárias.

No currículo do SNE existe um espaço que encoraja ou incentiva os alunos a demonstarem quais são as crenças e valores das comunidades de origem. Onde cada um

possa falar da sua comunidade, sobre quais são os seus usos e costumes. Este é um elemento muito importante para a produção da identidade social, porque como já havia dito em outras passagens, é importante que exista espaço para que cada um fale sobre as suas origens, porque cada um vai ter orgulho das suas origens e isto vai fazer com que cresça um sentimento de pertença, que é o de cada aluno estar consciente de que existe uma diversidade cultural muito grande, isto é, existem muitas identidades singulares, mais que por estar em constante convívio com essas identidades, ele vai ter que aprender a viver com essas mesmas identidades, e saber adequar a sua identidade a esse novo contexto.

Isto permitirá o aluno a saber viver com membros que lhe são diferentes e saber aceitá-los. Este é um elemento muito importante para uma sociedade. E é isto, que faz que com a identidade do aluno tenha um elemento permanente, que é o de ele não perder os seus traços característicos e de ao mesmo tempo ganhar outros elementos de outros indivíduos com identidades diferentes, o que terá também como resultado a mudança na sua identidade, daí o carácter processual do processo identitário, por isso, que a identidade é dinâmica.

O currículo tem aspectos positivos, dentre os quais, a motivação para a criação um espírito crítico, temos o caso da disciplina de desenho, incentiva os alunos a serem criativos; a disciplina de português também ajuda a desenvolver um espírito de criação, através das redacções acerca das suas comunidades, bairros. Como já foi exposto, que é através de um espírito, muita curiosidade que é se produz a identidade social do aluno.

Outro elemento positivo que tem um papel fundamental na produção da identidade social, é o facto de aparecerem nos textos de português e de história alguns textos com figuras femininas com papel muito importante para a história de Mocambique, como por exemplo o caso da heroína Josina Machel. Este é um elemento muito importante, para as alunas, porque vão produzir a sua identidade social, tendo em conta estas imagens e feitos.

4. Análise dos Resultados

A partir do nosso objectivo geral que se direcciona na fundamentação de que a escola é um espaço que contribue de forma significativa para a produção de identidades sociais do aluno, nossas análises se centrarão nas variáveis demográficas, sexo e idade como base para a visualização deste processo no espaço escolar.

4.1. Interação aluno-aluno

A primeira constatação foi a partir das diferenças que se operam nas idades entre os dois sexos, pois os nossos entrevistados tem idades que variam entre 11-16 anos; Do total as meninas apresentam idades superiores em 1% tem 16 anos contrarimente aos rapazes que a idade mais alta é de 14 anos 2 % e tem a idade mínima de 11 anos 2% enquanto que as meninas a idade mínima é de 14 anos. Esta relação aparece a dicotomia propiciando uma interacção desigual.

As meninas com 16 anos aparecem a frequentar a mesma classe, que um rapaz de 14 anos frequenta. A explicação para este fenómeno pode ser a seguinte maneira:

1. As idades das meninas são mais altas que as dos rapazes porque, entram muito tarde para a escola, isto talvez, devido a falta de recursos dos pais que por questão de prioridades dão aos rapazes.
2. As meninas quando saem da escola e vão para a casa tem que chegar e ajudar a mãe nas suas tarefas domésticas, ou na ausência da mãe tem que cuidar do lar e dos seus irmãos, não restando tempo para poder rever a matéria.
3. Tem também o caso das prioridades, onde os pais explicam aos rapazes, porque estes estão sempre disponíveis. Porque pode haver uma incompatibilidade de tempo, entre o pai que é o explicador e as tarefas que a menina tem por desempenhar. E os rapazes por não estarem sobrecarregados dentro do lar, dispõe de mais tempo que as meninas.
4. Poder ser por causa dos estereótipos do próprio sistema de ensino entre professor e aluno, que pode ter como, causa o tratamento diferente que é oferecido aos rapazes e as meninas. Os professores tratam de maneira diferente aos rapazes e as

meninas. Quando é uma menina a errar algo, tem sempre a tendência a não se chamar muito atenção, não lhe sobrecarregar de trabalhos de casa, porque tem que cuidar da casa.

Estas situações revelam a já mencionada influencia das identidades sociais que o aluno traz da sua família e se integra na escola, onde receberá uma transformação, porém, a mesma não se processa de forma brusca, pois interferem muitos elementos, a imitação ao outro, o comportamento do professor e a própria cultura do meio que o circunda, a instituição escola e a sua sociedade.

Os alunos inquiridos afirmaram que classificam o outro por ser o seu melhor amigo, porque brinca como ele, não lhe trai, gosta dele, existe concordância na maneira de pensar.

Os alunos também influenciam-se durante a sua interação por estarem muito tempo juntos acabam por ter os mesmos gostos e frequentarem os mesmos lugares.

Os alunos na escola brincam consoante as características que cada um traz consigo. Ou seja, os alunos quando interagem entre si, o factor proveniência desempenha muita importância, porque agrupam-se sempre levando em conta que caminham juntos, logo começam a ter as mesmas conversas, partilham ideias, este elemento acaba por unir os alunos. Segundo os alunos inquiridos, preferem ter amigos que vivem no mesmo bairro ou nas proximidades, porque frequentam os mesmos lugares, tem o mesmo estilo de vida

A questão da situação económica também tem uma contribuição na constituição de grupos de semelhança, vejamos, um aluno que tem certas posses vão brincar com quem também as tem, isto tem muito a ver com as condições sócio-económicas de cada um.

Um aluno que tem poucas posses, por estar ciente da sua situação vai se juntar ao outro que está nas mesmas condições. O aluno terá a tendência de querer estar ao lado de quem lhe é semelhante, de maneiras a poderem ter as mesmas conversas, mesmos estilos de vida. Por isso, os alunos sentem que devem brincar com quem se identificam, não gostam de brincar com uma pessoas que são totalmente diferente dele.

Os alunos afirmam que também para a formação das suas amizades, para além do facto de haver concordância, outro elemento que pesa é o facto, de lancharem no mesmo local no recreio.

Os alunos por estarem constantemente a brincarem juntas, vão começar a criar hábitos de vida diferentes do que os que traziam de casa, por causa da nova convivência que estão tendo na escola. Mas isto não é feito de forma brusca, ou seja, os alunos, não deixam de ser totalmente quem eram, mais também não permanecem os mesmos, há algo que muda e também há algo que permanece. Porque um aluno desempenha grande influência sobre o outro. Os alunos influenciam-se também na maneira de vestirem, por exemplo, um aluno quando entra na escola devido a interacção que desenvolve constantemente com os outros, acaba também querendo vestir como os outros vestem. Se os seus colegas, no fim-de-semana, vão todos ao cinema, que se situa na baixa da cidade, os outros que lá não frequentam também vão querer frequentar, como maneira de sentirem inclusos. Porque as conversas que se desenvolvem na escola, tem a ver com os filmes que são apresentados nesse cinema, enfim, as conversas tem muito haver com práticas comuns entre os alunos.

Portanto, podemos concluir que a interacção entre os alunos, tem influência na produção da identidade social dos alunos.

Na produção da identidade social, está patente, a componente imitativa, porque os alunos acabam imitando-se uns aos outros, apesar de que cada um tem a sua subjectividade. Mais que devido a interacção que se estabelece entre os alunos, a subjectividade acaba se adaptando ao novo contexto situacional, como maneira de se integrar.

Os alunos quando estão na escola entre eles, tem sempre o hábito de cada qual querer descrever como é que é o seu dia-a-dia. E é neste espaço que existe maior interacção entre eles quando estão a conversar. E é na escola onde os alunos combinam sobre os fins de semanas, sobre os divertimentos que vão ter. Isto acaba criando uma homegeniedade entre eles, porque sem se aperceberem vão acabar por terem os mesmos hábitos,

frequentarem os mesmos lugares, ter a mesma linguagem. Como consequência, vão produzir um outro tipo de identidade social diferente da que traziam de casa.

Isto demonstra que a escola, tendo como canal os alunos, é muito influente na produção da identidade social do aluno. Estas relações que se estabelecem no processo interactivo entre os alunos, nos possibilita ter a percepção da dinâmica da produção identitária no espaço escolar e a negociação das identidades singulares dentro do mesmo espaço escolar até a formação de identidade social do aluno moçambicano.

A escola A Luta Continua situa-se na zona da sommerchield, os alunos que ela educa provém de vários bairros da cidade. Esta escola devido a situação geográfica em que se encontra tem alunos diferentes de uma escola da periferia da cidade.

Os hábitos que um aluno da escola A Luta Continua tem são totalmente diferentes dos hábitos que o aluno de uma outra escola tem. Com isto para dizer, que o local onde se situa a escola também influencia o tipo de interação a ser desenvolvida dentro do recinto escolar na produção da identidade social dos alunos.

4.2. Interação aluno-professor

As interações entre o professor e aluno foram objecto de análise devido a sua carga subjectiva na produção das identidades sociais no terreno se observou que a relação é positiva, mais muitos dos alunos queixam-se de não haver muito espaço e tempo para o diálogo.

Existe uma continuidade entre a socialização primária e a socialização secundária, que se reflecte no tipo de educação e tratamento que é dado aos rapazes e as raparigas.

Durante as entrevistas observamos que os pais tem um papel muito importante, na produção da identidade social. São eles que nas primeiras fases de crescimento da criança começam a inculcar nas crianças quais são as obrigações dos rapazes e as obrigações das

raparigas. E estes por sua vez crescem a saber quais são as suas funções. Os alunos quando entram na escola, encontram uma certa continuidade destas funções.

O facto de haver mais professoras do que professores na escola em análise tem a sua contribuição na produção da identidade social, porque, as professoras transmitem para os alunos um tipo de identidade diferente da que um professor poderia transmitir. Falando concretamente de um exemplo, as professoras devido ao grande valor que elas tem de ser mães e também devido ao tipo de socialização a que foram submetidas durante o crescimento delas, podem transportar para a escola a educação que dão em casa as alunas.

Por exemplo, o facto das meninas que querem ser médicas, esta profissão tem muito haver com o cuidado com os doentes, esta tarefa a menina já vem a desempenhar desde muito cedo dentro da esfera doméstica, há aqui uma continuidade, só que ao em vez de se restringir apenas a esfera doméstica, já alarga-se para o âmbito público. O caso também das alunas que querem ser professoras, aqui também, continuam a desempenhar uma tarefa que já vinham desempenhando dentro da esfera doméstica.

Em casa são elas quem cuidam dos irmãos mais novos, ensinam a eles o que é certo e errado. E também as meninas em casa tem como se espelho às mães, porque estas influenciam na identidade delas, e na escola temos o caso das professoras que também influenciam muito na produção da identidade social das meninas. Portanto estas profissões de médica, professora, secretária que tanto são aspiradas pelas alunas, tem muito haver com a preocupação de cuidar dos outros, apesar de que isto algumas vezes não é consciente por parte de quem as aspira.

Mas podemos realçar que a escola, também produz grandes transformações nos alunos, podemos notar que em algumas alunas inquiridas, aparecem casos de algumas quererem vir a serem engenheiras e outras cantoras. Isto porque, como afirmaram queriam ser como as mães.

Enquanto que para os rapazes acontece, o oposto, ou seja, em casa, são socializados pelos seus pais de que devem desempenhar tarefas que não tem nada relacionado com o lar, porque isso é uma tarefa das meninas. Os rapazes são ensinados que devem desempenhar tarefas pesadas, cabe a eles o papel decisório. Por isso, eles tem como perspectiva profissional vir a ocuparem tarefas como as de advogado, polícia, engenheiro, jogador.

Os alunos afirmaram que tinham a sensação de que os professores os tratavam da mesma forma.

Podemos ressaltar outro elemento importante, que é o tipo de brincadeiras, em casa as crianças aprendem que quem deve jogar futebol são os meninos e as meninas tem que desenvolver outro tipo de brincadeiras que tem mais haver com o sexo delas. E na escola, vamos notar esta continuidade de raciocínio, apesar de que algumas vezes os professores fazem uma miscelânea, mais isto não é comum. Quando uma menina aparece a querer jogar, os rapazes dizem a ela, que aquela não é brincadeira para ela. Isto porque, foram ensinados que o futebol só deve ser praticado pelos rapazes.

Outro elemento importante, que foi referido, é que os alunos afirmam que existem diferenciações dentro da sala de aulas, ou seja, que existem os alunos que tem mais atenção por parte do professor e também existem os que o professor não quer saber deles.

Um dos grupos a que os professores prestam menor atenção é o caso, dos alunos indisciplinados. Os alunos indisciplinados, dizem que se portam desta maneira, porque alguns professores não tem paciência com eles, qualquer coisa de errado que fazem, é sempre motivo para que o professor bata neles, grite com eles, ou mande para fora da sala de aulas. Eles afirmaram que se tornarem em indisciplinados é uma maneira de poderem também chamar atenção dos professores.

Os alunos afirmam que existe sim uma boa relação entre ambas as partes. Mas como já havia referido, existe um grande distanciamento. As relações são meramente académicas. Sendo assim os alunos sentem-se retraídos a chamarem pelo professor quando tem alguma dúvida sobre alguma matéria. Porque o professor quando entra dentro da sala de

aulas limita-se apenas a transmitir a matéria e não dispõe de tempo para outro tipo de situações, como as de esclarecimento. Mas os professores estão sempre abertos ao diálogo.

Os alunos afirmaram que professor incentiva-os a exporem as suas dúvidas e a irem ao quadro, como maneira de poder expôr melhor as dúvidas, como maneira de os alunos poderem ter melhor aproveitamento. Por isso, tivemos casos de alunos que afirmaram que gostavam de uma certa disciplina devido a grande simpatia e disponibilidade do professor na explicação das matérias.

Os alunos afirmaram que também tem casos de alguns professores que impõe certas barreiras entre eles e os alunos, este elemento faz com que as aulas do mesmo não sejam muito concorridas. Este tipo atitudes por parte do professor propícia a formação de identidades sociais diferenciadas entre os alunos.

Segundo alguns alunos entrevistados, os professores através do tratamento, diferenciam os sexos, temos como, exemplo, quando dá-se o caso de chamar atenção a rapariga, é muito diferente o tom, do que quando se chama atenção ao rapaz. Quando trata-se da rapariga o professor é suave enquanto que quando trata-se do rapaz é mais rude. Este tipo de atitudes fará com que tanto os alunos assim como as alunas formem identidades sociais diferentes.

Os professores afirmaram que existe uma interação constante entre os alunos e eles. Vejamos, dos cerca de 100% dos inquiridos afirmam que existe um diálogo contante entre os professores e os alunos, porque este é muito importante para o processo de ensino aprendizagem. E também o diálogo, ajuda o professor a saber identificar quem são os alunos com maiores dificuldades e que precisam de mais atenção.

Portanto, podemos concluir que o professor tem um papel muito importante, na produção da identidade social do aluno. Porque ele ajuda a moldar a identidade do aluno, através da

educação que transmite aos seus alunos, convista a lograr uma identidade dos sujeitos moçambicanos na construção de uma sociedade de equidade.

4.3. Interação aluno-curriculo

A amostra diz que uma das causas das alunas terem idades muito altas a frequentarem as mesmas classe com os rapazes, deve-se ao facto de haver altos índices de reprovação. Segundo alguns professores entrevistados, uma das causas é o facto de elas na sua maioria gostarem de disciplinas que tem haver com letras, que tem muito haver com escrita, textos, poemas, como é sábio, as mulheres apegam-se muito as letras, daí o fraco aproveitamento delas nas disciplinas como a matemática; ao passo que os rapazes gostam de coisas muito práticas, por isso, temos o caso de os rapazes inquiridos na sua maioria preferirem a disciplina de matemática. Isto acaba, tendo como consequência, por o aluno gostar de matemática, aspirar seguir carreiras ou profissões que tem muito a ver com números do que com letras. Estas actividades são as que conformam as identidades sociais deste grupo.

Na maioria dos inquiridos podemos observar, existe um alto índice de reprovações isto pode ser, que a explicação resida no facto de não haver um diálogo constante entre o professor-aluno, o que faz com o que os alunos que não assimilem conforme a matéria e formem uma identidade que se caracteriza pela timidez.

Na escola os alunos são socializadas através dos textos que lêem de que eles tem que desempenhar tarefas específicas, que tem como finalidade cuidar dos outros, por isso, nos livros de português é muito usual, observarmos, uma senhora a ocupar a profissão de professora, de enfermeira, uma menina voltar da escola e ter que ajudar a mãe nas tarefas domésticas. Isto ajuda a reforçar na menina de que ela tem que cuidar do lar, potenciado uma identidade social diferente da dos rapazes. E como consequência, as meninas vão ter como aspiração quererem ser professoras, médicas, isto é, ter profissões que tem haver com o cuidado com os outros. Esta diferenciação faz com que os alunos formem

identidades de género, ou seja, as alunas vão formar uma identidade feminina a partir destes atributos e o mesmo acontecer-á com os alunos.

Os alunos afirmaram que gostavam muito dos livros da escola porque eram educativos, traziam consigo elementos educativos. Segundo eles, os textos ensinavam que deviam viver em harmonia, em paz, saber respeitar o próximo, o diferente. Eram também textos que ensinavam a ter carácter. Houve o caso de um aluno, que afirmou que gostou muito de um texto, porque os ensinava a não roubarem, e que por causa daquele texto, nunca pode pensar em roubar.

Quase 80% dos alunos afirmaram que gostavam de escrever redacção sobre temas que tinham a haver com as férias, porque é um momento que eles viveram e que por isso, era mais fácil de escrever. Porque estavam a lidar com coisas reais, em que eles foram os sujeitos da história.

Quando inquiridos sobre que elementos gostariam que se acrescentasse nos livros, responderam que devia-se acrescentar temas que falassem sobre questões sociais, tais como droga, prostituição, HIV-SIDA. Os alunos afirmaram que os livros escolares funcionam como os seus guias, é neles onde procuram respostas para as suas inquietações.

Os professores afirmaram que os alunos tinham mais aplicação no desporto, ciências naturais e de português, do que noutras disciplinas, porque estavam mais á vontade. Pode ser que estas duas disciplinas tenham maior aderência que as outras, porque, para o caso da disciplina de português, sentem que aprendem mais, por um lado, por causa dos textos, e por outro lado, o desporto, porque é onde os os alunos interagem mais uns com os outros. Tem mais, possibilidade de trocarem as suas maneiras de lidar com a bola. E por último, pode ser que os alunos gostem mais da disciplina de ciências naturais, porque estão a lidar com coisas práticas, com o seu meio. Os alunos estão a ler e escrever sobre fenómenos de fácil observação, daí a sua maior prestação.

As actividades que recebem menor aderência por parte dos alunos são as de matemática, história, geografia. Os professores afirmam que pode ser pela falta de preparação deles ou porque são disciplinas que são leccionadas já nos últimos tempos, pode ser que são disciplinas que requerem mais tempo para serem tratadas durante as aulas.

Os professores afirmaram que existe uma grande diferença entre as actividades que os alunos realizam dentro da sala de aulas e as que se realizam fora da sala de aulas, porque fora os alunos estão muito á vontade e sentem-se mais livres das normas que regem dentro da sala de aulas, falam á vontade não tem que obedecer ao professor, não tem o professor para proibi-los de falar, brincam á vontade e interagem mais com os seus colegas, Portanto, existe maior interacção entre os alunos fora da sala de aulas do que dentro da sala .

Os alunos queixam-se de maus tratos por parte dos professores, que consistem em levarem socos, bofetadas, limparem a escola, permanecerem de joelhos durante a aula (45 minutos). Cheguei mesmo a presenciar um caso idêntico, também observei um professor a bater no seu aluno, usando uma régua comprida perante os seus colegas. E enquanto o colega levava porrada com o professor, os seus colegas riam-se bastante. Estes elementos acabam criando nos alunos identidades reprimidas.

É importante realçar que enquanto decorriam as entrevistas nenhum aluno queixou-se de o professor bater neles. Mas durante uma entrevista, ouviu-se um aluno a gritar, por causa dos maus tratos a que estava a ser sujeito por parte do seu professor, foi quando a entrevistada, começou a relatar que era muito comum aquele tipo de situações e que a direcção nada fazia para acabar com o problema. E como consequência dos maus tratos, os alunos já mais crescidos, faltam as aulas deste tipo de professores.

Os professores batem nos alunos, segundo os entrevistados, quando não fazem os trabalhos de casa, quando são indisciplinados, tem muitas dificuldades de apreender a matéria; quando chegam atrasados, enquanto ás vezes é porque moram longe da escola e não conseguiram dinheiro de transporte á tempo de chegarem á escola. Os atrasos tem

também haver, segundo alguns entrevistados para além, de falta de dinheiro para o transporte, tem haver com encargos que tem em suas casas, principalmente as raparigas.

Um dos entrevistados (que vive no bairro do jardim), que não pôde assistir às aulas porque tinha atrasado, afirmou que atrasou porque, antes de vir á escola, primeiro ele tinha que ir deixar a refeição do seu pai na banca onde vendia, que distava muito da sua casa, e que fazia a caminhada a pé, como maneira de poupar o dinheiro de chapa, para poder ir á escola. Este mesmo aluno afirmou que sentiasse frustrado, porque depois de tanto esforço para poder chegar á escola, o professor não lhe deixou entrar na sala de aulas, e que ele não gostaria de repetir o ano.

Outro caso, é de uma entrevistada, que afirmou que uma das vezes, esqueceu-se de retirar por cima da carteira, um livro que era da disciplina que acabavam de ter, e a professora da aula seguinte não entendeu, que ela ainda estava a arrumar o livro, e começou a bater-lhe. A aluna diz que chorou muito, a professora nem deu-lhe tempo para explicar, chegou a ter vontade de nunca mais ir á escola.

Observei que as salas de aulas estavam muito cheias, com mais de 50 alunos, e que haviam casos de os alunos que sentavam três na mesma carteira. E como resultado da lotação das salas de aulas, não muita interacção entre os professores e os alunos.

4.4. Interação aluno-ensino aprendizagem

Grande parte leccionam há mais de 10 anos, exceptuando o caso de uma única professora que lecciona há menos de dois anos.

Tanto as turmas da sétima classe, da quinta classe assim como da sexta classe, tem poucos professores enquanto tem muitas disciplinas com diferentes conhecimentos por transmitir. Talvez a explicação para o fraco aproveitamento dos alunos resida nesse facto, de os professores estarem sobrecarregados de matérias e não estarem á altura de poderem

conciliar todas as matérias de maneiras a saber transmiti-las; pode ser também que pelo facto de os professores darem aulas de matérias diferentes e também por darem aulas a muitas turmas, acaba ficando sobrecarregado, e como resultado, acaba ficando cansado. O que mais tarde acaba por se reflectir, por exemplo nas turmas que tem os últimos tempo com esses alunos. Ou mesmo já nas últimas aulas, o professor pode já demonstrar, não desinteresse, mais sim cansaço, e não se empenhar muito na explicação dessas matérias.

O que vai-se reflectir também nos alunos, que para além de não apreender conforme a matéria, também vão começar a demonstrar desinteresse por essa mesma matéria. Pode ser por exemplo, que muitos alunos não tem muita aderência nas aulas de história porque são dadas nos últimos tempos; ou porque o professor esta a falar de assuntos que eles não conseguem se situar no tempo e no espaço, daí o fraco empenho nesta disciplina.

Outro aspecto, para explicar a fraca aderência dos alunos a certas disciplinas pode ser pelo facto de os professores não estarem preparados para transmitirem certas matérias, como é sabido, os livros estão a sofrer grande transformações de conteúdo e que essas transformações não tem tido acompanhamento por parte dos professores. Ou seja, uns fazem as mudanças e apenas limita-se a entregar o professor para implementar. Não tem havido um trabalho conjunto entre os que estão a trabalhar nos novos materiais para o ensino e os professores, daí a sua grande dificuldade de implementar as grandes mudanças que estão nos livros.

Os professores afirmam que apesar de terem salas de aulas super-lotadas conhecem o nome de todos os seus alunos e também a proveniência dos mesmos. Reconhecem, também que existem casos de alunos que mais se destacam quer pela positiva assim como pela negativa. E que alguns alunos que devido a passividade passam despercebidos. Como consequência, acabam ficando excluídos do ensino-aprendizagem e conformam uma identidade frustrada.

Mais devido ao facto de terem as salas super-lotadas, como eles, classificaram, nada podem fazer para ajudar os alunos, porque não há tempo de poder conversar. O que acaba por se reflectir no aproveitamento pedagógico dos alunos.

Aproveitamento que se traduz, em os alunos não mostrarem muito interesse pelas matérias. Apesar de eles não faltarem nas aulas, quando estão dentro da sala de aulas não são muito participativos, as notas não são altas, os alunos distraem-se muito facilmente, daí talvez podemos concluir porque existe grande índice de reprovação.

Os professores afirmaram que devido a grande incapacidade que eles tem em acompanhar pedagogicamente os seus alunos, muitos deles acabam reprovam uma ou mais vezes numa classe. O que faz com que o aluno, comece a conformar-se que ele realmente é incapaz de estudar. E como consequência, deste facto, o aluno vai formar a sua identidade a partir das medidas avaliativas que foi sendo submetido durante as aulas.

Os professores dão suficiente ao processo de ensino – aprendizagem , ou seja, afirmam que o ensino poderia estar melhor e que existem um grande déficite e muitas lacunas por serem preenchidas. Porque o ensino ainda é muito deficiente, um dos elementos que sempre mencionam é o facto de terem turmas super-lotadas, terem muitas turmas por darem aulas. Eles afirmam que às vezes oferecem-se para darem mais turmas com maneira de, poderem melhorar os vencimentos, que são miseráveis. Daí vem-se obrigados a leccionarem em muitas escolas e um grande número de turmas e estando durante várias horas a darem aulas. O que acaba por se reflectir no ensino- aprendizagem que se traduz em fraco aproveitamento dos alunos, grande distanciamento entre professor e aluno, ou seja, a construção de barreiras muito fortes entre as partes envolvidas.

Outro elemento a que os professores fizeram menção, é a de se melhorarem os materiais, mais precisamente que se ensinasse aos alunos assim como aos professores que postura ambos devem ter um para com o outro, com maneira de haver melhor relacionamento entre as partes.

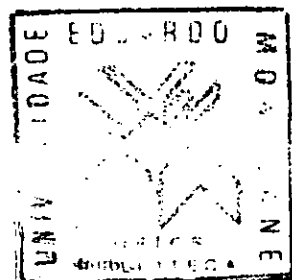
Os professores também querem ver incluídos nos materiais, isto é, nos livros temas que falem sobre o HIV-SIDA e a droga como maneira de moralizar, educar e disciplinar a sociedade. Que se introduza ainda, nos materiais textos que ajudem a incutir nos alunos valores morais, sociais e culturais como maneira de ter-se uma sociedade justa, harmoniosa e equitativa.

Os professores dizem que nos materiais escolares, deve também, incluir qual é o papel dos encarregados de educação e qual deve ser o papel deles como educadores. Porque a educação começa em casa, cabendo a escola a função de complementar e transmitir novos conhecimentos. Mas não pode fazer sem a ajuda dos pais, porque muitos alunos estudam apenas quando o professor está por perto, e quando chegam em casa não chegam a tocar nso seus livros. E que no fim do ano lectivo, os pais limitam-se apenas a cobrar dos professores bons resultados, deixando a cargo total toda a responsabilidade aos professores.

Por isso, que existe um grande índice de reprovações, porque por um lado, os professores não tem tempo suficiente para explicarem conforme aos seus alunos, as matérias são dadas às pressas, porque tem-se como objectivo primário, cumprir o programa anual, por outro lado, os encarregados de educação não se preocupam com a própria educação dos seus filhos, deixando tudo na responsabilidade dos professores.

Quanto a metodologia usada por parte dos professores como maneira de fazer com os alunos desinteressados se integrem mais no sistema, optam, como afirmam, por obrigar os seus alunos a reverem a matéria diariamente, fazer-lhes perguntas constantes, dando mais trabalhos de casa.

1. Os alunos com aproveitamento fraco, são preteridos em relação aos com bom aproveitamento. O mesmo acontece com os alunos indisciplinados, que devido ao seu comportamento o professor ou bate neles ou simplesmente opta por ignorá-los o ano todo. Isto faz com que no fim do ano apresentem um fraco aproveitamento pedagógico.



4.7. Interação aluno- espaço físico Escola como espaço de interacção dos alunos

Dos alunos inquiridos 100% afirmaram que gostavam da escola, porque era bonita, espaçosa, era o sítio onde eles poderiam estar com os seus amigos á vontade. E também é na escola, onde tem os seus amigos e é mais fácil de encontrá-los.

É na escola onde existe maior tempo para que os alunos desenvolvam as suas actividades recreativas como o desporto, que era a actividade desportiva com maior aderência por parte dos alunos. A explicação para o facto reside no facto de ser a única actividade que era mais desenvolvida e que tinha espaço para se desenvolver, porque as outras actividades não tinham espaço para o seu desenvolvimento. Esta é uma das preocupações dos alunos, por estarem restringidos a praticarem uma e única actividade desportiva, por não haver condições físicas para as outras tais como para a prática do andebol.

O facto de os alunos gostarem de permanecer muito tempo dentro do recinto escolar demonstra claramente que eles se identificam com a escola, visto que é o espaço escolar onde eles encontravam os seus amigos para conversarem, praticarem desporto. Isto demonstra claramente que os alunos se aceitam uns aos outros, e acabam por se tornarem inseparáveis, fazendo deste modo com que eles comecem a ter os mesmos estilos de vida, as mesmas conversas, os hábitos. Visto que, os alunos agrupam-se por encontrarem semelhanças e concordâncias entre eles, por isso, preferem estar sempre juntos a conversarem, trocarem impressões.

Quando inquiridos se percebiam que os alunos traziam atitudes diferentes das suas casas, os professores responderam positivamente, que notavam que havia algo de diferente.

Mais que os alunos não levam muito tempo para ambientarem-se com o seu novo meio, porque pode ser que encontravam amigos que os completavam, ou seja, tinham as mesmas brincadeiras, mesmas maneiras e hábitos de ser.

Segundo os professores, a escola oferece mais actividades desportivas que tem mais haver com o sexo masculino. Porque como é sabido o futebol é praticado na sua generalidade pelos rapazes, e estes por sua vez não gostam de partilhar a prática deste desporto com a raparigas, o que acaba por marginalizar as meninas. Os próprios professores, sempre dão prioridades aos rapazes para a prática deste tipo de desporto. E para as meninas limita-se apenas, a mandá-las fazerem ginástica, isto é, actividades que não requerem muito esforço e não provoquem muito cansaço, porque as meninas são muito fracas e logo, cansam-se rápido, daí não poderem praticar o futebol.

A escola tem apenas um único campo de futebol, que é comum para a prática da modalidade de basquetebol. Mas este campo, não se encontra em boas condições, visto que o piso encontra-se esburacado. As tabelas para a prática da modalidade de basquetebol, também não estão em condições aceitáveis.

Devido a estas condições, os alunos afirmaram que é muito difícil a prática desportiva. Mais o facto não os impedia a prática do desporto. Devido a questão de ter um único campo para a prática das modalidades, as alunas queixam-se de sentirem-se excluídas, porque os rapazes é que tem sempre prioridade para ocupação do campo. E elas ficam sem espaço para poderem desenvolverem as modalidades que querem.

Os alunos afirmaram que não existe segurança dentro da escola, porque lá frequentam marginais, onde se inclui os drogados, e que uma das vezes em que lá visitei, ocorreu uma violência sexual de uma menina, perpetrada pelos seus próprios colegas. E por isso, presenciei uma professora, a dizer, a umas meninas, que se encontravam dentro do recinto escolar, para que elas fossem para casa. E elas responderam que estavam a conversar que haveriam de ir para casa mais tarde. A professora advertiu que era melhor que fossem para casa, se não corriam o risco de lhes acontecer o que tinha acontecido a sua colega, ou seja, corriam o risco de serem violadas.

Mas era permitido aos alunos do sexo masculino permanecerem dentro do recinto escolar, mesmo depois de já não terem aulas. Os alunos permaneciam na escola, a

jogarem futebol. Quando inquiridos, sobre porque é que não vão para casa, responderam, que não tinham pressa, e que ainda estavam a brincar com os seus amigos.

Mas as meninas já não podiam gozar desse privilégio de poderem estar com as suas amigas, logo que as aulas terminem tem que ir para casa ou sair do recinto escolar, porque a escola não se responsabiliza por elas, em caso de serem violadas. Está aqui patente, uma desigualdade de género, onde uns podem permanecer dentro do recinto escolar (rapazes) e outros não podem (raparigas) porque ninguém se responsabiliza por elas. E como tal as meninas vão produzir a identidade social delas, tendo em conta estas desigualdades de tratamento por parte da escola.

Os alunos afirmaram, que era muito normal a escola ser visitada por marginais, e que nada era feito pela direcção e nem pelo guarda da escola, primeiro porque segundo os alunos, era velho e que nem consegue perseguir os marginais. E quando o guarda tentasse fazer frente, era logo, ameaçado pelos marginais com vários objectos, dentre os quais facas. Os alunos afirmaram ainda que tinham colegas drogados.

5. Conclusões

A escola como local onde se processa a socialização, a partir das interações que se estabelecem entre os diferentes actores sociais no seu quotidiano se conclui que:

1. Interação aluno-aluno

As interações que se estabelecem entre os alunos dentro do recinto escolar tem uma forte componente de intercâmbio comportamental que faz com que o aluno, comece a ter o seu colega como um modelo, ou como um referente, daí a grande capacidade que eles tem de se influenciar na formação de identidades sociais.

Os alunos devido ao seu novo meio, constroem novas amizades, que acabam influenciando na maneira de ser e de agir deles, o que faz com a sua identidade social não seja estática, ou seja, o aluno quando entra na escola, há algo que modifica-se, devido ao grupo de iguais, os hábitos e estilo de vida mudam. O aluno depois de conviver com os seus colegas, já não é o mesmo, passa a ter outros termos de referência, neste caso, os seus colegas.

2. Interação aluno-professor

Durante o processo interactivo que decorre dentro da sala de aulas o professor tem a sua contribuição na formação da identidade social do aluno, através dos seus modos de ser e de agir e de agir.

2. Interação aluno-curriculo

O curriculo é um dos elementos essenciais na formação da identidade social do aluno, porque é nele onde vem expressos os comportamentos que a sociedade dele espera.

3. Interação aluno-estrutura física da escola

O espaço físico condiciona que tipo de interações é que se devem desenvolver dentro do recinto escolar, através da composição da sua estrutura, da conformação de espaços, recintos de recreio, campos de jogos e outros.

3. Interação aluno-ensin aprendizagem

O aluno durante a sua interação dentro da sala de aulas vai sendo submetido a avaliações, o que acabará sempre deparando com medidas quantitativas, que farão com que ele produza a sua identidade a partir dessas medidas. E não só, o facto de o professor não lhe dar a atenção, visto ser um aluno com grandes dificuldades nas escolas, vai fazer com que este mesmo aluno forme a sua identidade social também a partir destes elementos.

Em linhas gerais podemos afirmar que encontramos vários tipos de identidades sociais produzidas pela escola, nomeadamente: identidade de género (género feminino e género masculino), identidades reprimidas, identidades subordinadas, identidades singulares etc.

As imagens que o professor transmite para o aluno, são de muita importância para a produção da identidade social do aluno.

Na escola, o aluno já tem um outro referente, neste caso é o professor que tem a capacidade funcionar como um modelo.

Na interacção aluno e estrutura física da escola, exista também uma forte influencia, que se traduz em, que quando a escola tiver o tamanho adequado, isto é, uma escola onde todos os alunos e professores convivam de forma interactiva, existam espaços comuns, há espaço para a produção da identidade social dos alunos.

A interacção aluno e o currículo é também muito importante para a produção da identidade social do aluno, porque é no currículo onde vem escrito que tipo de comportamentos a sociedade dele espera. Os conteúdos que vem expressos nos textos influenciam o aluno durante a sua produção identitária.

O aluno durante a sua interacção dentro da sala de aulas, vai sendo submetido a avaliações, o que acabará sempre deparando com medidas quantitativas, que farão com que o aluno produza a sua identidade a partir dessas medidas.

Devido a interacção que se estabelece entre os alunos, professores, currículo, estrutura física da escola, corpo administrativo, há algo que permanece e há algo que muda neles, isto faz com que a identidade dos alunos não seja fixa mas sim dinâmica. Isto faz com que, a identidade dos alunos sofra acréscimos, por isso, vão produzir elementos novos na identidade social deles.

A escola é um dos agentes que contribui para a produção da identidade social dos alunos, porque é também nela onde os alunos aprendem a interiorizar as normas e regras que lhe eram totalmente desconhecidas, isto faz com que os alunos acrescentem elementos novos a identidade deles, por isso, que eles já não serão os mesmos, como quando entraram na escola.

Com estas constatações se demonstrou que a escola A Luta Continua é um espaço onde se produzem as identidades sociais dos alunos moçambicanos.

6. Bibliografia

- Academia de Ciências de Lisboa, Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Vol. I, edições Verbo, 2001, Lisboa.
- Academia de Ciências de Lisboa, Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Vol. II, edições Verbo, 2001, Lisboa.
- BERGER, Peter e Thomas Luckmann, A Construção Social da Realidade, 8ª edição, ed.vozes Petrópolis, 1990, Rio de Janeiro.
- CAMPOS, Bartolo Paiva, Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social, edições afrontamento, 1991, Porto.
- CASTILHO, Victor Perreira Rosa Susan, Pós-Colonização e Identidade, edições Fernando Pessoa, 1998, Porto.
- DICIONÁRIO de Ciências Sociais, editora Fundação Getúlio Vargas, 1986, Rio de Janeiro.
- DURKHEIM, Émile, Educação e Sociologia, Cências do Homem, edições 70, Lisboa.
- Estudos Moçambicanos nº 17, Identidades e Representações ds Mulheres em África- Isabel Cortesão Casimiro, ed. Imprensa Universitária, 1999, Maputo.
- FERREIRA, Carvalho et al, Sociologia, ed. McGraw-Hill, 1995, Portugal.
- FIGUEIREDO, Cândido, Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Vol. I, 25ª edição, editora Bertrand, 1996, Lisboa.
- FIGUEIREDO, Cândido, Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Vol. II, 25ª edição, editora Bertrand, 1996, Lisboa.
- JESUS, Vitória A.J. Identidade da Mulher Moçambicana que exerce como Professora - Tese Apresentada para Obtenção do Grau de Doutoramento, Julho, 2002, Havana.
- JOHNSON, Allan G., Dicionário de Sociologia, ed. Jorge Zahar, 1997, Rio de Janeiro.
- GIDDENS, Anthony, Sociologia, 2ª edição, ed.Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, Lisboa.
- GÓMEZ, Enrique Ubieta, Ensayos de Identidad, editorial Letras Cubanas, 1993, Cuba.
- GÓMEZ, Miguel Buendia, Educação Moçambicana: História de um Processo 1962-1984, Livraria Universitária, 1999, Maputo.
- GOLIAS, Manuel, Sistemas de Ensino em Moçambique, editora escolar, 1993, Maputo.
- História da 7ª classe, INDE, Vol. I, 1ªedição, 1990, Maputo.

- HORTON, Paul, Sociologia, McGraw-Hill, 1980, São Paulo.
- http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Carlos_Magno_Mendonca.htm P. 1 of 4.
- <http://www.tvebrasil.com.br/salto/hge/hgetxt1.htm> P. 1 of 4
- MUSGRAVE, P.W., Sociologia da Educação, Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª edição, 1979, Lisboa.
- MATHE, Sérgio, Negociando Identidades: uma leitura das negociações de paz no Burundi, 2001, Goteborg.
- MAZULA, Brazão, Cultura e Ideologia em Moçambique 1975- 1985, editora Afrontamento, 1995, Porto.
- MITCHELL, G. Duncan, Novo Dicionário de Sociologia, editora Reis, Portugal.
- NGOENHA, Severino Elias, Por uma Dimensão Moçambicana da Consciência Histórica, edições Salesianas, 1992, Porto.
- _____, Estatuto e Axiologia da Educação, Livraria Universitária, 2000, Maputo.
- LARANJEIRA, Pires, De letra: Identidade, autonomia, e outras questões culturais nas literaturas de Angola, Cabo-Verde, Moçambique, São Tomé-Príncipe, edições Afrontamento, 1992, Porto.
- Legislação Moçambicana, Sistema Nacional de Educação nº19.
- LOBROT, Michel, Para que Serve a Escola, Terramar, 1992, Lisboa.
- PINTO, Conceição Alves, Sociologia da Escola, McGRAW- HILL, 1995, Portugal.
- Plano Curricular do Ensino Básico, 1999, ed. INDE/MINED, Maputo.
- Português da 7ª classe, INDE, 1989, Maputo.
- Programa do Ensino Primário do 1º Grau, MINED, 1996, Maputo.
- QUIVY, Raimond, Manual de Investigação em Ciências Sociais, ed. Gradiva, 2ª edição, R.J.
- RAMALHO, Maria Irene, Entre Ser e Estar: Raízes Percursos e Discursos da Identidade, editora Afrontamento, 2001, Porto.
- Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano, Educação e Desenvolvimento Humano: Percursos, lições e desafios para o século XXI, PNUD, DS Print Media, 2000, Johannesburg.